



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE HISTÓRIA/ LICENCIATURA.**

RAÍSSA HENRIQUE ANTONIO SANTOS

**MEMÓRIAS, ORALIDADE E FATOS CULTURAIS NA CIDADE DE MARAVILHA
DE 1959 - 2023.**

Maceió
2023

RAÍSSA HENRIQUE ANTONIO SANTOS

**MEMÓRIAS, ORALIDADE E FATOS CULTURAIS NA CIDADE DE MARAVILHA
DE 1959 - 2023.**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado a Universidade Federal de
Alagoas – UFAL, Campus A. C. Simões,
como pré-requisito para a obtenção do grau
de Licenciado em História Licenciatura.

Orientadora: Prof.^a Clara Suassuna
Fernandes

Maceió
2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Jone Sidney A. de Oliveira – CRB-4 – 1485

S237m Santos, Raíssa Henrique Antonio.

Memórias, oralidade e fatos culturais na cidade de Maravilha / Raíssa Henrique Antonio Santos. – 2023.

79 f. : il. color.

Orientador: Clara Suassuna Fernandes.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História: Licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 65-66.

Anexo: f. 67-79.

1. Memória. 2. Cidade Maravilha - AL. 3. Cultura – Tradição 4. Trabalho Feminino. I. Título.

CDU: 316.42

A Deus, aos meus pais e aos meus amigos...
Companheiros de todas as horas...

AGRADECIMENTO

À Prof.^a. Orientadora, Clara Suassuna Fernandes, pelo apoio e motivação e pela paciência.

Aos meus pais, pela confiança.

À Minha prima Laurinda Henrique e a minha tia Josefa Henrique aos meus Tios e aos colegas que ajudaram e incentivaram minhas pesquisas.

Aos professores do Curso de História que ajudaram no meu desenvolvimento intelectual.

RESUMO

O presente Trabalho se propõe a relatar sobre a Cidade de Maravilha e sua construção através da economia e de fatos sociais que marcaram sua história, levando em consideração os aspectos culturais e familiares, tradições construídas que perpetuam até os dias atuais. Pesquisa elaborada para o curso superior de História Licenciatura em Produção para a Universidade Federal de Alagoas; esta construção também contempla fatos sobre características do Município de Maravilha, do Estado de Alagoas e do Brasil tendo o intuito de abranger as particularidades de um povo.

Palavras-Chave: **Memória, identidade, Cidade; Cultura; Tradições; Trabalho Feminino.**

ABSTRACT

The present work proposes to report on the City of Maravilha and its construction through the economy and social facts that marked its history, taking into account the cultural and family aspects, built traditions that perpetuate until the present day. Research prepared for the higher course of History Degree in Production for the Federal University of Alagoas; This construction also includes facts about characteristics of the Municipality of Maravilha, the State of Alagoas and Brazil, with the aim of covering the particularities of a people.

Keywords: Memory, Identity ; Culture; Family Traditions; Women's Work; .

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa de Alagoas mostrando a localização da cidade de Maravilha.....	18
Figura 2 - Foto da Bandeira do município de Maravilha – AL.....	19
Figura 3 - Prédio Atual do Centro de Saúde do município de Maravilha – AL.....	20
Figura 4 - Hoje o Prédio é da Atual Secretaria Municipal de educação do Município de Maravilha – AL.....	20
Figura 5 - Antigo Centro de Saúde.....	20
Figura 6 - reja Católica Sagrada Família, Localizada no Centro da Cidade.....	23
Figura 7 - Igreja Presbiteriana da Cidade antes de depois da reforma.....	23
Figura 8 - Rua Ernesto Soares Agra uma das Principais Ruas do Município.....	25
Figura 9 - Foto da Praça José Bonifácio localizada no município de Maravilha – AL Atualmente.....	26
Figura 10 - Foto da Praça José Bonifácio Localizada no Município de Maravilha – AL.....	26
Figura 11 - Feira Livre, sempre nas Segundas Feiras.....	27
Figura 12 - Foto da Capa do Livro I Antologia Maravilhense.....	29
Figura 13 - Foto da Capa do Livro Fatos e Fotos sobre a Cidade de Maravilha.....	29
Figura 14 - campo de Futebol Estádio Florisval Marques Brandão Atualmente em Reforma.....	31
Figura 15 - Time de Futebol Feminino da Cidade de Maravilha no Ano de 1987.....	31
Figura 16 - Time de Futebol Feminino da Cidade de Maravilha no Ano de 2023, Sportivo Maravilhense.....	33
Figura 17 - Banda Fanfarra Sagrada Família no ano de 2022.....	35
Figura 18 - Banda Fanfarra Sagrada Família no ano de 2014.....	35
Figura 19 - Estátua da Preguiça - Gigante na praça central da Cidade.....	36
Figura 20 - Tigre-dente-de-sabre em Frente ao Museu Paleontológico Otaviano Florentino Ritr.....	36
Figura 21 - Parte Esquerda da Lagoa do Pico Depois da Reforma da Orla.....	37
Figura 22 - Parte direita da Lagoa do Pico Aterrada.....	37
Figura 23 - Foto de Pedro Henrique da Silva, não se sabe o ano que ela foi tirada.....	47
Figura 24 - Homenagem feita na quadrilha Da Creche da Cidade de Maravilha – AL.....	47
ANEXO A 25 - Registro da Cidade de Maravilha – AL Tirado do Acervo pessoal da autora da Obra, Raíssa Henrique A. Santos.....	67
ANEXO B 26 - Registro das Primeiras Quadrilhas Matutas da Cidade de Maravilha – AL Organizado Por Pedro Henrique da Silva, conhecido como Pedro de Caí, fotos retiradas do álbum da Família Henrique.....	68
ANEXO C 27 - Registro Atual da Cidade de Maravilha – Al Tirado do Acervo Pessoal em Visita a Cidade No Ano de 2023.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE – O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UBS – Unidades Básicas de Saúde

BPM – Batalhão de Polícia Militar

DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

OIT – Organização Internacional do Trabalho

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

CUT – Central Única dos Trabalhadores

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

MPT – Ministério Público do Trabalho

PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PL – Partido Liberal

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

CEPA – CAGB - Centro Educacional de Pesquisa Aplicada Antônio Gomes de Barros

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CIDADE E CULTURA: ESPAÇOS IDENTITÁRIOS.....	18
2.1 A CIDADE DE MARAVILHA E SUAS ATIVIDADES ECONÔMICAS E CULTURAIS.....	18
2.2 CONSTRUÇÕES IMPORTANTES E REFERÊNCIAS NA CIDADE.....	22
2.3 A ESCOLA E A BANDA FANFARRA.....	33
2.4 O LAGO.....	36
2.5 DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA AS SECAS – DNOCS.....	37
2.6 FESTA JUNINA.....	38
3 INFLUÊNCIAS FAMILIARES.....	46
3.1 O LEGADO DO MEU AVÔ.....	46
3.2 SUBSISTÊNCIA FAMILIAR.....	48
4 TRABALHO.....	50
4.1 O TRABALHO INFANTIL FAMILIAR E NO BRASIL.....	50
4.2 O TRABALHO FEMININO.....	58
5 CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS.....	65
ANEXO A – FOTOS DA CIDADE DE MARAVILHA	
ANEXO B – REGISTRO DAS PRIMEIRAS QUADRILHAS JUNINAS DA CIDADE DE MARAVILHA	
ANEXO C – REGISTRO ATUAL DA CIDADE DE MARAVILHA – AL TIRADO DO ACERVO PESSOAL EM VISITA À CIDADE NO ANO DE 2023	
ANEXO D - ENTREVISTA COM JOSEFA HENRIQUE SOBRE O PRIMEIRO TIME FUTEBOL FEMININO NA CIDADE DE MARAVILHA.	
ANEXO E - ENTREVISTA COM LAYLA ROCHA SOBRE O TIME FUTEBOL FEMININO NA CIDADE DE MARAVILHA.	
ANEXO F - EM HOMENAGEM AO MESTRE PEDRO HENRIQUE, POR THIAGO SOTHERO.	
ANEXO G - CESSÃO DE DIREITOS JOSEFA HENRIQUE DA SILVA	
ANEXO H - CESSÃO DE DIREITOS MARIA ROZINEIDE HENRIQUE DA SILVA	
ANEXO I - CESSÃO DE DIREITOS MARIA LAYLA VERÔNICA SILVA ROCHA	

1 INTRODUÇÃO

Começo este trabalho relatando que as memórias descritas neste texto não são vivenciadas pela autora do trabalho, e sim de memórias expostas e contadas sobre a infância e adolescência dos 8 aos 16 anos de minha mãe, Maria Rozineide Henrique da Silva, nascida no ano de 1967, recordações essas que se passaram na cidade de Maravilha, no interior estado de Alagoas.

Rozineide, minha mãe, sempre falava sobre sua infância e como ela e seus irmãos criaram lembranças felizes enquanto viviam uma vida simples. Simplicidade esta que os mais novos reutilizavam as roupas dos mais velhos, assim como cada um só poderia ter um único par de sandálias, na hora da divisão dos materiais escolares se dividia um lápis para dois, e levavam seus materiais escolares em sacolas plásticas.

Ainda assim, mesmo com todas as dificuldades, ela e os irmãos estão abertos ao aprendizado, pois das 5h às 11h trabalhavam para sustentar a família. Meu avô era contra todos irem para a escola, por ser analfabeto e precisava de ajuda dos filhos mais velhos para trabalhos braçais, nas roças ou na pesca.

Minha Mãe conta que, umas de suas lembranças mais felizes são sobre um lago natural chamado pelos moradores de Lagoa do Pico, pois estava localizada em um ângulo que se podia observar o pico da Serra da Caiçara, formado por águas das chuvas na cidade de Maravilha a 232 quilômetros de Maceió — AL, onde ela e seus irmãos trabalhavam e divertiam-se, no ano de 1983, antes de ela deixar a cidade para vir para a capital em busca de trabalho e de melhores condições de vida.

Nadar na lagoa do pico era divertido, sempre que Chovia, íamos correndo para nadar na lagoa, era a hora de muita diversão, pegávamos apostas com os primos que iam nadar conosco, até bola a gente jogava e muitos mergulhos, isso de olho na estrada, porque o nosso pai não queria que tomássemos banho na lagoa. Quando nosso pai aparecia de bicicleta, saíamos correndo de dentro da lagoa e corríamos para casa e ele ia atrás.

Morar em Maravilha era bom, cidade pequena, conhecíamos quase todo mundo, estudávamos com primos, primas e amigos da cidade; da alfabetização

até a oitava série do ensino fundamental, depois tive que sair da cidade para estudar em outro lugar, não tínhamos escola para continuarmos a estudar no ensino médio, tinha que sair da cidade para estudar fora em outro lugar, quem queria continuar os estudos tinha ir embora de Maravilha, meus pais não tinham condições, então tive que vir para Maceió para trabalhar na casa de família de um conhecido para poder continuar meus estudos. Já em Maceió conheci meu esposo e estou morando aqui até hoje, de 1985 quando cheguei na capital até hoje 2023.

Nesta produção também conheceremos a cidade de Maravilha, pequena cidade do nordeste do país cuja economia e cultura se desenvolveram ao longo dos anos, uma história repleta de mitos e crescimento desde sua construção, incluindo suas particularidades, como o referido lago, que sustentou muitas famílias pobres por muito tempo, logo após a construção dos DNOCS a pesca se tornou um meio de subsistência família gerando economia na região.

Também vamos retratar sobre as festas juninas, uma celebração brasileira originária da Europa. Foi cristianizada na Idade Média como Festa de São João. Com o tempo, elementos de outras culturas, de outros lugares do exterior e até de outras partes do país foram sendo adicionados à história. A tradição junina vem preservando informações de diversos costumes desde o surgimento desta festa até os dias atuais. Este tema reforça a recuperação das origens e significado das Festas Juninas, trazendo uma identidade e a construção da memória artística, política, religiosa e sociocultural.

Vamos também conhecer um pouco da história de Pedro Henrique, mais conhecido como Pedro de Cai, costumava está sempre engajado em grupos culturais como o pastoril e ensinava a adultos e crianças a arte das quadrilhas matutas, sua história era pouco conhecida (eu não tinha o conhecimento nem a curiosidade que tenho hoje de saber sobre a história de minha família) e hoje já falecido. Conheço sua história através de relatos das minhas tias e minha mãe, que também sabem pouco sobre o passado dele. A minha avó, aos seus 80 anos, já não lembra sobre história de seu marido. Em memória do meu falecido avô muitos de seus alunos, hoje, continuaram seu legado, participando das quadrilhas e reinventando o seu legado, sem deixar morrer a cultura nordestina.

Bem como o mês de junho traz as festas tradicionais aguardados por todos durante o ano, comidas típicas, muita música e brincadeiras ao redor da fogueira, além da vestimenta que traz cores e muita alegria para entrarem no clima com trajes caipiras, podendo usar e esbanjar a criatividade para criar seu próprio estilo e aproveitar muito, além das danças que trazem todo um elemento cultural para a festa, logo após as danças tradicionais, outros tipos de músicas são adicionadas à festa como : o Sertanejo e o Forró, para que todos possam aproveitar.

O que podemos ver também no trabalho é sobre a vegetação local e suas riquezas naturais, a construção e as mudanças em seu clima e em sua área urbana. Também poderemos observar os costumes e tradições do povo maravilhese, bem como a banda e o futebol que incentivam os jovens a participarem da construção da história da cidade. Em entrevistas com a ex-jogadora Josefa Henrique e a atual jogadora Layla Rocha, também da família Henrique, podemos observar mudanças ao longo do tempo.

O tema está ligado à cultura e as memórias festivas que tenho de minha família, tradição esta que ensinou meus parentes e amigos sobre a diversidade na tradição desta celebração, por ser capaz de agregar vários elementos numa mesma prática que narra culturalmente à história brasileira. Pesquisei sobre o tema das festas juninas, dentro da minha trajetória familiar, buscando entender suas origens e o seu significado, que levam sentido através do tempo, com elementos que constitui identidade cultural do povo Nordestino. Esse tema reforça a pesquisa das origens e o significado das Festas Juninas, trazendo uma identidade e a construção da memória artística, política, religiosa e sociocultural nas regiões do nordeste, principalmente nas pessoas que integram de forma afetiva às práticas dos festejos.

Durante o curso de Licenciatura em História, aprendi a melhor forma de observar como essas expressões culturais, que aproximam os jovens da cultura e da sociedade, e é por meio dessa observação que como estudante do curso de História, da Universidade Federal de Alagoas, fui capaz de avaliar a importância dessas interações no meu ambiente familiar e nas regiões onde sempre convivi. Anteriormente, como não tinha essa perspectiva, não conseguia identificar esses aspectos, apesar de fazer parte dessas interações culturais, mas durante meus

estudos pude analisar certas experiências que são importantes para a vida sociocultural de uma região.

Conto com autores como a antropóloga Lúcia Helena Vitalli Rangel 2002, que busca falar das muitas influências que foram incorporadas nas festas juninas, fala sobre o surgimento dessa dança típica no Brasil e suas características como uma mistura cultural, assim como a retratação da fogueira como um símbolo desse ritual de celebração e de sua representação no meu cultural. Alguns pesquisadores afirmam que a festa junina estima as condições do homem ao longo da história, que as expressões culturais são explicadas através do reflexo que conduz o homem em suas dificuldades do dia a dia para se apoiar em algo, mesmo com a escravidão, ou viva em condições precárias essas é a forma de aliviar.

Um ponto importante a ser citado que é que através da era moderna as Festas Juninas ganharam espaço nas mídias e reconhecimento de outras regiões cativando visitantes e investidores, porém há um risco de perder sua essência levando-a apenas para o âmbito mercadológico, quebrando o sentido mais íntimo e familiar.

O São João é mais do que a festa em si, a celebração movimenta a indústria e a economia, todo o trabalho por trás de cada espetáculo envolve alfaiates, bordadeiras, maquiadores, figurinistas, coreógrafos, cabeleireiros, roteiristas, diretores musicais, além de dançarinos e todos os profissionais se esforçam todos os anos para apresentar cenas únicas que façam o público vibrar e torcer pelos seus favoritos.

Outro ponto importante mostrado no trabalho é a caracterização familiar, como era a subsistência não só da família do meu avô, mas também de outras famílias que da mesma forma tiravam o sustento, de inverno a verão, da pesca tirada do lago, dos plantios de algodão, feijão e milho.

O trabalho trata do programa de emprego, experiência de formação no país durante os governos Lula e Dilma, obteve resultados positivos no combate ao trabalho infantil e adolescente, diminuindo cerca de 13,44% nos anos de 2000 e 2010, segundo as pesquisas no censo de 2010, de acordo com o IBGE, mostrando a diminuição do Trabalho Infantil em crianças e adolescentes entre 10 e 17 anos de idade. Nota-se que nas áreas rurais em suas diversas atividades contém uma enorme

porcentagem de crianças e adolescentes em situações de trabalho infantil, isso não é só pelo fato dessas áreas terem uma maior taxa de pobreza, mas também pelo ensino ser mais fraco, tendo o menor número de inovação tecnológica que podem ocasionar a evasão nas escolas, isso seria um facilitador para que crianças sejam levadas às atividades informais, como as atividades agrícolas que não exigem uma qualificação que dificultem a estrada de crianças nestes empregos.

Podemos citar outros pontos importantes para o trabalho infantil, mas alguns ainda não muito abordados, como salário, idade e as diferentes ocupações dos pais dessas crianças, o tamanho das áreas em que essas crianças trabalham, se essas crianças e adolescentes tem algum custo escolar, as medidas e espaços estrutural de ensino, o território e a infraestrutura da comunidade, as disponibilidades dos transportes públicos, as vias existentes no local, saneamento básico e a qualidade da moradia etc. Descreve que políticas públicas e sociais que visavam combater o trabalho infantil foram retiradas de prioridade como também a estrutura do Ministério do Trabalho, discutindo decretos que dificultaram o MPT, Ministério Público do Trabalho, na percepção de fiscalização, portanto, tendo o acréscimo da vulnerabilidade das crianças e adolescentes:” se tornou ainda mais oculto”, comenta o dito secretário.

Depois de lermos estatísticas e pesquisas que apontam que a uma piora na elaboração de atividades que diminuam essas condutas do Trabalho Infantil, não é algo fácil de combater, mas a criação de políticas públicas que facilitem o trabalho dos órgãos que fazem parte da estrutura de uma movimentação que definira o futuro de muitas crianças e adolescentes, além do apoio de toda a sociedade de que essas práticas são nocivas para uma das fases primordiais para crescimento de cidadãos responsáveis.

Ainda, abordamos sobre o trabalho feminino no Brasil, abordamos sobre as mulheres e suas classes, as oportunidade que cada uma tinha em seu ambiente familiar; no livro Uma História do Feminismo no Brasil, de Céli Regina Jardim Pinto, mostra como viviam essas mulheres, praticamente tinham a função de comprovar a dependência masculina, aceitando o título de sexo frágil, que precisaria de amparo, tomando proporções extremas pela influência da sensibilidade e a necessidade de toda fraqueza que definia as mulheres, atribuindo a imposição de proteção, mesmo

assim com um pouco mais de bagagem intelectual conseguiram fazer parte de movimentos feministas que se estenderam durante séculos e que foram muito importantes na luta para garantir direitos para as mulheres.

Apesar de as mulheres de classes mais baixas sempre trabalharem, para garantir o sustento familiar, foi em meados dos anos 1940 que as mulheres de classe média tiveram que deixar suas casas para fazerem parte do trabalho masculino. No Brasil, as mulheres de classe baixa não eram diferentes dos demais países, mulheres precisavam trabalhar para garantir o sustento familiar, trabalhavam de forma autônoma.

O que abordamos no capítulo Trabalho Feminino é o estudo de alguns artigos podemos observar que as mulheres de classe baixa sempre tiveram que trabalhar, pois muitos homens estavam em batalhas e elas passavam a assumir a casa e a parte financeira da família e a posição dos homens no mercado de trabalho. No início a organização da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino era liderado por Bertha Lutz, sendo fundada em 1922, que buscava estabilização dos direitos das mulheres, sendo este movimento aderido por muitos Estado brasileiros, ganhando reputação na luta feminina por direitos políticos, citado na obra de Celi Pinto, Uma história do feminismo no Brasil de 2003.

Como mostra Le Goff em sua obra História e Memória, que tenta reconstruir o conceito de história, busca mostrar como ela foi descrita desde Heródoto até a escola de Annales, discute o conceito de memória, que nos lembra um fenômeno pessoal e psicológico que possibilita uma pessoa atualizar impressões ou informações anteriores. Para Le Goff, a memória é como uma propriedade preservada de certas informações que podem ser acessadas e atualizadas impressões passadas. História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990, p.366.

Assim como no trabalho acima descrito, utilizamos da memória e da história contada de alguns indivíduos que vivenciaram situações e que as histórias estão em seu imaginários, assim como as histórias descritas nesse trabalho faram com que os leitores conheça as memórias e história vividas por outros e em seu passado.

Le Goff afirma que, no estudo da memória, é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita e as fases de transição da oralidade à escrita. Podemos afirmar é que a memória coletiva é não somente uma conquista, mas também um instrumento e um objeto de poder, pois são as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão construindo uma memória coletiva que melhor permita compreender essas lutas pela dominação da recordação e da tradição, são manifestações essenciais de memória.

A memória é o lugar onde a história cresce e a história, por sua vez, a nutre. Ela tenta construir, elaborar e fabricar o passado para servir o presente e o futuro a partir do presente existente, devemos trabalhar para que a memória coletiva sirva para libertar e não para escravizar as pessoas. A intenção descrita neste trabalho nos leva a entender como a história está ligada à memória e como a memória pode ser uma fonte de conhecimento e sobretudo de estudo para gerações futuras e poder ampliar a visão coletiva de um determinado lugar ou tempo, buscando mostrar a aos leitores lugares de memórias que já não se vê nos dias de hoje, fazendo a imaginação um importante objeto de ilustração e de motivação para o conhecimento.

2 CIDADE E CULTURA: ESPAÇOS IDENTITÁRIOS

2.1 A CIDADE DE MARAVILHA E SUAS ATIVIDADES ECONÔMICAS E CULTURAIS

A cidade de Maravilha se encontra localizada em uma Mesorregião do sertão alagoano, ao Norte do município de Ouro Branco, ao Sul com Poço das Trincheiras, ao Leste com o estado de Pernambuco e Oeste com Canapi. Sua área é de 332,370 km², população 10.270 segundo IBGE de 2010, em 2021 a população baixou para 8.850, devido à falta de oportunidade de trabalho uma parte da população mais jovem que migrou para São Paulo, e outras partes estão divididas: entre mortes por Covid-19 e idosos, que faleceram entre este período. O clima da região é Semiárido, seu ponto culminante se localiza a Serra da Caiçara: 840m, a segunda mais alta do estado de Alagoas.

Figura 1 - Mapa de Alagoas mostrando a localização da cidade de Maravilha.



Fonte¹: Site do Wikipédia.

Localizada a 230 km aproximadamente da cidade de Maceió, capital de Alagoas, com gentílico Maravilhense, aniversário dia 02 de Janeiro, sua densidade demográfica é de 34,05 km², de acordo com a pesquisa feitas em 2010, a escolarização de 06 a 14 anos de idade que estão matriculados no ensino regular é de 97,4% segundo o site do IBGE, no site oficial da cidade de Maravilha, a cidade dispõe de 7 escolas vinculadas no ensino fundamental e 1 voltada para o ensino médio, possuindo cerca de 1.771 estudantes no fundamental e 286 ensino médio, o índice de desenvolvimento humano municipal é de 0,569 de 1991 a 2010. A

¹ Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Maravilha_\(Alagoas\)#/media/Ficheiro:Maravilha.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Maravilha_(Alagoas)#/media/Ficheiro:Maravilha.png). Acesso em: 04 Nov. 2022.

Site da cidade de Maravilha: www.maravilha.al.gov.br . Acesso em: 04 Nov. 2022.

mortalidade infantil é de 13,61 óbitos por mil nascidos vivos, dados de 2020, o PIB per capita 7.674,87 R\$, informações do ano de 2019 no site oficial do IBGE.

Figura 2 - Foto da Bandeira do município de Maravilha – AL.



²Fonte: Site da assembleia Legislativa Alagoas a Voz do Povo.

O atual prefeito (a) da cidade de Maravilha é Maria da Conceição Ribeiro de Albuquerque, reeleita no ano de 2020. Na economia, a remuneração média dos trabalhadores da cidade é de 2,2 salários-mínimos por pessoa, o índice de ocupação da população é de 4%, seu orçamento atual é de 28,37 milhões em sua receita e suas despesas totais totalizam 26.806.160 milhões.

Na saúde do município atualmente, o saneamento básico alcança cerca de 13,1% de esgotamento sanitário, possuindo também 12 unidades de saúde segundo o IBGE, incluindo as UBS³ (unidade básica de saúde) junto a postos de saúde em área urbana e rural. A primeira Fundação Serviço de Saúde Pública foi construída nos anos de 1980, para erradicar as doenças da região, ofertando serviços como, atendimento médico e enfermagem, saneamento básico para a população. No ano de 1988, a Maternidade M^a Carvalho Brandão foi construída, homenageando a esposa do prefeito da época, Florisval Marques Brandão. Facilitando a saúde e a vida de

² Disponível em: <https://www.al.al.leg.br/municipios/Maravilha-Bandeira.PNG/view> . Acesso em: 04 Nov. 2022.

³ As UBS (Unidades Básicas de Saúde) são o resultado de uma ação entre os governos federal, estadual e municipal para uma integralização da rede de saúde pública no Brasil. Tendo como objetivo ofertar o atendimento especializado em postos de saúde instalados nos bairros, facilitando o acesso à população e desobstruindo o fluxo de atendimento nos grades hospitalares, sendo possível a marcação de consultas para diversas áreas médicas, gerando também a prevenção de doenças, estando de frente à proteção à saúde da população.

mulheres e crianças para que não precisem mais se deslocar para outros municípios vizinhos para o atendimento.

Figura 3 - Prédio Atual do Centro de Saúde do município de Maravilha – AL.



Fonte: Acervo Particular do Sr.^a Josefa Henrique, Foto tirada no ano de 2023, para o TCC.

Hoje o prédio que antes era o antigo Centro de Saúde do Município, se encontra a Secretária Municipal de Educação

Figura 4 - Hoje o Prédio é da Atual Secretaria Municipal de educação do Município de Maravilha – AL.



Fonte: Acervo Particular Sr.^a Josefa Henrique
Foto tirada no ano de 2023, para o TCC.

Figura 5 - Antigo Centro de Saúde



Fonte: Site do IBGE, ano desconhecido.

Quando se trata de Maravilha, é impossível não conhecer a história por trás do nascimento da cidade. Segundo o livro Maravilha em fatos e fotos de Elúzia Maria de Carvalho Dionízio, descreve um pouco de criação do município.

O fato aconteceu em meados do 4^o século XVIII, com a chegada de três amigos vindos do litoral, chegaram à região, nesta época era difícil o acesso ao lugar, foi

⁴ Informações do Livro: DIONÍZIO, Elúzia Maria de Carvalho. Maravilha em Fatos e Fotos. [s.n.]; p. 89, 2012.

preciso adentrar em meio as matas e se locomover por cavalos, mais tarde dando origem ao município.

Um deles tinha o apelido de Primo, (avô do s.r. Apolônio Vieira de Carvalho e Herculino Vieira de Carvalho), resolveu permanecer na região onde hoje é a Cidade de Maravilha, o segundo tinha o nome de Alexandre, que não permaneceu na região, seguiu em frente e chegou até um local onde batizou de Alexandre Gomes, o terceiro homem apelidado de Chicão também seguiu em frente e achando uma fonte de águas claras e areia branca, onde deu o nome de Olho d'água do Chicão.

Não se sabe exatamente de onde eles vieram. As informações foram obtidas por antigos moradores da área, pois documentos antigos foram perdidos ao longo do tempo e não há registros de onde exatamente vieram esses três homens, e de como foi exatamente sua chegada à região.

No meio do século XVIII, Domingos Gomes estabeleceu uma propriedade rural destinada à criação de gado em seus terras, conhecidas como sesmaria. Essas terras se estendiam desde a atual cidade de dois Riachos até uma distância de cinco léguas além do local onde hoje está localizada a sede municipal de Maravilha. Mas tarde, membros da família Limeira também se estabeleceram na região, contribuindo para o seu crescimento e desenvolvimento. Logo em seguida, Manoel Damião de Carvalho, sua mãe e seu irmão mais novo, Cosme, chegaram à região vindos do maranhão, onde moravam seus pais lusitanos. Manoel Damião um dos principais impulsionadores do progresso na região.

No final do século XIX, houve uma enorme epidemia de cólera, na região onde morreram muitos dos habitantes locais, foi preciso cavar uma grande cova, ficando conhecido como "Cova dos Defuntos". Anos depois passaram alguns frades pela localidade em missão à igreja católica, um desses missionários declarou que a região era uma "Maravilha das Flores" e foi assim que o povoado ficou conhecido, anos mais tarde os habitantes retiraram o "das Flores", assim permaneceu o nome "Maravilha".

As famílias fundadoras contam que o cemitério da cidade foi construído pelos habitantes depois da epidemia de cólera, no século XIX, onde atualmente se encontra o salão paroquial. Para a construção da casa paroquial, foi organizada uma quermesse na comunidade, para conseguir recursos para a construção, liderada por

Manoel Vieira de Carvalho, mais conhecido como Neko, (parente de umas das famílias fundadoras da cidade).

2.2 CONSTRUÇÕES IMPORTANTES E REFERÊNCIAS NA CIDADE

⁵A casa paroquial foi construída para hospedar os padres que vinham da capital, celebrar missas, batizados e casamentos, mas o mais curioso é que nenhum padre queria se hospedar lá, pois era próximo do antigo cemitério, hoje a antiga casa paroquial é habitada por um morador local e as informações sobre sua construção (1942).

A primeira religião a se instalar na cidade de Maravilha foi a Católica trazida pelos portugueses que passaram pelo local. A primeira capela foi a de São Sebastião, localizada ao lado do antigo cemitério, no terreno por trás da casa do Senhor Florisval Marques Brandão, idealizada pelo Senhor Francisco Vieira Gomes, conhecido como Chico Primo, filho de um dos primeiros habitantes da região. Pagava-se as promessas na Capela, onde levavam objetos como devoção pelas graças alcançadas, não se sabe o ano específico de sua construção, por volta de 1920, foi erguida a Capela da Sagrada Família, com liderança de Herculino Vieira de Carvalho, seu irmão, Apolônio Vieira de Carvalho, e junto a população local. O nome veio do fato que a família dos fundadores costumava se reunir para rezar o terço.

Outro ponto importante a ser relatados é em relação a algumas manifestações culturais da região, que foram sendo implantadas nos festejos religiosos, como: quermesses, leilões, apresentações de reisado, entre outras.

A atual Matriz da Sagrada Família passou de Capela para Paróquia no dia 07 de Abril de 1991, reconhecida pela Diocese de Palmeira dos Índios, pelo Bispo Dom Fernando Lório Rodrigues, no dia 08 de dezembro, é comemorada a Festa da Padroeira da Cidade, Jesus, Maria e José, dando alusão a Sagrada Família.

⁵ Informações do Livro: DIONÍZIO, Elúzia Maria de Carvalho. Maravilha em Fatos e Fotos. [s.n.]; p. 89, 2012.

Ibid, p. 34.

Ibid, p. 49.

Figura 6 - Igreja Católica Sagrada Família, Localizada no Centro da Cidade.



Fonte: Acervo Particular do Sr. Ricardo Antonio, Foto tirada no ano de 2023, para o TCC.

A Cidade também abriga outras religiões, como no caso da doutrina presbiteriana, trazida por um casal de Mata Grande - AL que vinha fugindo da perseguição do cangaço em 1936, se instalaram na cidade de Maravilha. Foi em 1945, vindo também da cidade de Mata Grande, Manoel de Carvalho Silva, com seus familiares, dando continuidade ao trabalho de evangelização deixado anteriormente pelo major Herculano de Carvalho da Silva, que começou com a Congregação Presbiteriana no Sertão de Alagoas, até hoje sua casa permanece intacta concentrando, na atualidade, a sede de evangelização. (Fonte, Ex Pastor da igreja presbiteriana de Maravilha, Luciano de Siqueira Campos).

Figura 7 - Igreja Presbiteriana da Cidade antes e depois da reforma.



Fonte: Acervo Particular Sr.^a Josefa Henrique,
Foto tirada dos dois ângulos, no ano de 2023, para o TCC.

Outro destaque importante para a fundação da Cidade, que vemos hoje, foi feita pelas famílias fundadoras. Uma das maiores construções realizadas para a ampliação territorial, foi o Açude da Nação, o nome foi dado, porque iria servir a toda à comunidade. A obra foi iniciada com a morte do Sr. Antônio Lisboa Filho, casado com dona Josefina de Carvalho, ficando viúva. A senhora casando-se pela segunda

vez com o indivíduo da família Faustino, recebeu o terreno do açude como herança. O segundo marido, após a morte de Josefina constrói a dita igreja, mas não se sabe a data exata dela, localizava por trás da Igreja Sagrada Família.⁶

A cadeia da cidade foi construída entre 1923 e 1924, com a força do coronel Sebastião Madeiros, destacando-se da cidade de Santana do Ipanema, ao ser Cabo Pedro, delegado da época. Algum tempo depois, o espaço destinado à cadeia se transformou no mercado de farinha e hoje em dia se localiza o museu de paleontologia.

Mesmo que muitos não tenham conhecimento à cidade já teve outra cadeia, localizada na Rua Ernesto Soares Agra, próximo ao Clube Caiçara de Educação e Esporte. A delegacia mais atual do município ficava localizada na Rua Elisbão Barbosa Carvalho, onde estava a Secretaria de Estado da Defesa Social. Atualmente, a segurança é feita pelo 7º Batalhão de Polícia Militar (7º BPM), abrangendo as regiões da cidade de Santana do Ipanema, Dois Riachos, Olivença, Maj. Isidoro, Batalha, Belo Monte, Jacaré dos Homens, Palestina, Monteirópolis, Pão de Açúcar, S.J. Da Tapera, Carneiros, Olho D'água das flores, Senador Rui Palmeira, Poço das Trincheiras, Maravilha e Ouro Branco.

Na economia seu desenvolvimento se deu no ano de 1917, com uma pequena loja de tecido do Sr. Apolônio Vieira de Carvalho, logo após foi criada a feira livre e um vapor, máquina que separava a semente e a fibra do algodão, justo ao comércio de pele de animais. Vendendo essas mercadorias também para a empresa “Pedro Alvares da Cunha”, transportando de carro de boi até Garanhuns – PE, de onde era levado de trem até Recife – PE seguindo para a Alemanha, de navio. Outro comerciante da cidade na época era o Sr. Manoel Ivo de Alcântara, conhecido como Seu Nezinho Arara, também tinha outra algodoeira em sua propriedade, além de armazéns onde vendia vários grãos como milho, feijão, algodão, entre outros.

⁶ Informações do Livro: DIONÍZIO, Elúzia Maria de Carvalho. Maravilha em Fatos e Fotos. [s.n.]; p. 89, 2012.

Ibid, p. 20.

Ibid, p. 26.

⁷Informações sobre a cadeia de maravilha no site de Alagoas digital:
<https://alagoasdigital.al.gov.br/unidade-de-atendimento/817>

Outro comerciante importante foi Francisco Soares de Melo, falecido em 31 de março de 1945, não se sabe sua data de nascimento. ⁸Fazendeiro e proprietário da propriedade Cachoeirinha, no município de Maravilha, negociante de cereais, dispunha de um armazém, na Rua Ernesto Soares Agra e possuía uma loja de tecidos ao lado de onde residia, na antiga Praça José Bonifácio Barbosa, dando grande viabilidade para o desenvolvimento do município, no início do século XX. Muitos outros comerciantes fizeram o comércio daquela época crescer.

Figura 8 - Rua Ernesto Soares Agra uma das Principais Ruas do Município.



Fonte: Acervo Particular Sr. Ricardo Antônio,
Foto tirada dos dois ângulos, no ano de 2023, para o TCC.

No ano de 1951, Rodrigues Filho, conhecido como Zé de Duda, começava as atividades de sapateiro, junto com seus instrutores, Moisés Soares Teixeira e Otaviano Riti, construindo alguns anos depois, sua própria oficina de calçados na Rua Boa Vista. Posteriormente, oficina foi transferida para a Rua São Francisco e anos depois fundou uma sapataria na antiga Praça José Bonifácio Barbosa, com suas próprias confecções, além de ter calçados de Caruaru – PE. Em 1995, veio a falecer, mas sua esposa Maria Amélia Rodrigues, conhecida como dona Lia, continuou seu na sapataria por mais três anos. ⁹

⁸ Informações do Livro: DIONÍZIO, Elúzia Maria de Carvalho. Maravilha em Fatos e Fotos. [s.n.]; p. 89, 2012.

Ibid, p. 26.

⁹ Fontes sobre o comercio da cidade de Maravilha no livro: Informações do Livro: DIONÍZIO, Elúzia Maria de Carvalho. Maravilha em Fatos e Fotos. [s.n.]; p. 27, 2012.

Figura 9 - Foto da Praça José Bonifácio localizada no município de Maravilha – AL Atualmente.



Fonte: Acervo Particular Sr. Ricardo Antônio, foto tirada dos dois ângulos, no ano de 2023, para o TCC.

Figura 10 - Foto da Praça José Bonifácio Localizada no Município de Maravilha – AL.



Fonte: Site do Catalogo do IBGE, não datada.

Outros nomes também marcam a história do comércio na cidade de Maravilha, como Leuzinger Barbosa Marques proprietário de um dos grandes armazéns da cidade comercializava cereais, iniciando suas atividades no ano de 1961, na Rua Sagrada Família. No ano seguinte montou seu mercadinho ampliando os negócios, mas sem deixar de vender os mesmos produtos. Após sua morte em 1994, seu filho assumiu, dando continuidade ao comércio local, mas em 2001, encerrou suas atividades.

Durante muitos acontecimentos citados da história do município, é possível observar que apenas figuras masculinas se destacaram. No comércio, a situação não é diferente. Apesar de haver mulheres que trabalhavam e possuíam seus próprios negócios, por menores que fossem, elas também contribuíam para a economia local. Um exemplo disso são as professoras, lavadeiras, costureiras e outras mulheres que não são mencionadas em livros ou em qualquer outro documento existente. Um exemplo pessoal é minha avó, Maria do Carmo Silva, que estudou e, anos depois tornou-se zeladora por muitos anos no escolar Herculino Vieira de Carvalho, também conhecido como Grupo do Rato.

Figura 11 - Feira Livre, sempre nas Segundas Feiras.



Fonte: Acervo Particular Sr. Ricardo Antônio, Foto tirada dos dois ângulos, no ano de 2023, para o TCC.

Ao longo de sua história, a cultura da cidade se desenvolveu junto ao comércio, quando eram realizadas quermesses para arrecadar donativos para a capela da cidade, seguidas de alegres costumes e outras danças típicas como os folguedos que faziam parte das festividades.

Com o surgimento do pequeno comércio as atividades culturais naquela época nasceram, foi com a criação do chamado “Teatro de Vanguarda”, conduzindo diversas peças teatrais na época em meados dos anos 40/50.

Algumas outras manifestações culturais como: folguedos, a festa da farinhada no carnaval e muitas outras deixaram de fazer parte do cotidiano dos maravilhenses, depois que os mais velhos faleceram, mas ainda existem algumas expressões culturais perpetuando até hoje, como por exemplo: a festa de emancipação política dia 2 de janeiro, tendo apresentações da banda fanfarra, com homenagens e shows á noite, para a população, também as celebrações da festa da Padroeira Sagrada Família e suas novenas, no dia 07 de Abril, as Festa Juninas, que trazem as Quadrilhas Juninas, apontando para umas das principais quadrilhas da cidade: ¹⁰A Sertão Junino que fez aparições em vários campeonatos, dentro e fora da cidade. A Literatura de Cordel e Coco de Roda e a poesia com elementos culturais também fazem parte das tradições regionais da cidade deixadas como herança.

Na obra a ¹¹ antologia Maravilhense de escritores, leitores e convidados, publicado no ano de 2020, pela editora Performance, com a coordenação do escritor Cícero Thiago Sotero da Silva, mais conhecido como Thiago Sotthero, também habitante da cidade de Maravilha, traz nesta obra várias fotografias e textos literários produzidos por diversos convidados, trazendo um conjunto de imaginações criativas.

Sonhamos e acreditamos no abstrato das curvas que se fazia da caneta sobre o romance feroz do namoro da folha, temos coatores que estão

¹⁰ Instagram oficial com as principais fotos das apresentações da Quadrilha Junina Sertão Junino da Cidade de Maravilha Alagoas: <https://www.instagram.com/srtaojuninoalofc/>

Fontes sobre introdução a cultura na cidade de Maravilha no livro: Informações do Livro: DIONÍZIO, Elúzia Maria de Carvalho. Maravilha em Fatos e Fotos. [s.n.]; p. 34, 2012.

¹¹ SOTTHERO, Thiago. GISELLE Amanda, GOMES, Rhadly. NETO, Gemaque. RIBEIRO, Natália Pâmela. I Antologia e Encontro Maravilhense de Escritores, Leitores e Convidados. Arapiraca/Alagoas: Performance, v. 1, p. 328, 2020.

iniciando e realizando este sonho de participar pela primeira vez de uma Antologia junto conosco, ou seja, sua primeira publicação dentre tantas que virão. Antes era somente a alma da inspiração que agora ganha forma com linhas, frases, estrofes, em uma obra física que mostra-se pioneira dentro de uma pequena cidade no interior em pleno semiárido alagoano, que aos poucos vai ganhando outros caminhos e horizontes da Literocultural e se reinventa como um passo pequeno e ao mesmo tempo grandioso para os filhos de Maravilha que abrem as portas para nossos convidados. (SOTTHERO. Thiago, “et al.” 2020, p. 02).

A citação acima mostra que este livro é de grande importância para muitos escritores da cidade, pois eles têm a oportunidade de apresentar seus trabalhos, por meio dos quais podem ter a oportunidade de desenvolver sua criatividade e forjar a carreira de futuros escritores e poetas.

Além dos convidados maravilhenses, também tiveram convidados de outros estados do Brasil que fizeram desta obra uma referência intelectual, com 20 escritores da terra e 80 convidados, dentre eles crianças e adultos, que mostram em sua escrita poemas sobre as tradições culturais que perpetua dentro de cada um, além de lindas fotografias que dão um detalhe inebriante ao livro.

Assim como a obra “Maravilha em Fatos e Fotos”, lançado no ano de 2012, da pedagoga Elúzia Maria de Carvalho Dionízio, nascida em Maravilha, no dia 11 de março de 1943, formada pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia e Administração Escolar, foi professora e diretora da Escola Estadual Professora Atanagildo Brandão na cidade de Maravilha, no decorrer de 27 anos. ¹²O livro conta com os mais diversos fatos que se passaram na antiga Maravilha, assim como diferentes episódios e as primeiras construções para a criação do município que vemos hoje, mostrando imagens de seu acervo particular, que revelam o passado da cidade e do seu povo, os nomes dos primeiros habitantes e as histórias por traz de cada referência popular, que ecoam atualmente.

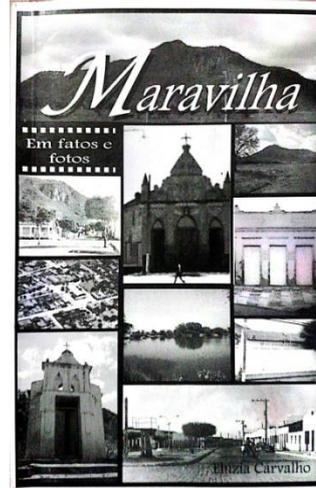
¹²Informações do Livro: DIONÍZIO, Elúzia Maria de Carvalho. Maravilha em Fatos e Fotos. [s.n.]; p. 34, 2012.

Figura 12 - Foto da Capa do Livro I Antologia Maravilhense.



Fonte: Livro I Antologia Maravilhense de Escritores, Leitores e Convidados, com a coordenação do escritor Cícero Thiago Sotero da Silva. “et al”, 2020.

Figura 13 - Foto da Capa do Livro Fatos e Fotos sobre a Cidade de Maravilha.



Fonte: Livro Maravilha em Fatos e Fotos, lançado ano de 2012, da pedagoga Elúzia Maria De Carvalho Dionízio.

O mês de junho traz as festas tradicionais aguardados por todos durante o ano, comidas típicas, muita música e brincadeiras ao redor da fogueira, além da vestimenta que traz cores e muita alegria para entrarem no clima com trajes caipiras, podendo usar e esbanjar a criatividade para criar seu próprio estilo e aproveitar muito, além das danças que trazem todo um elemento cultural para a festa, logo após as danças tradicionais, outros tipos de músicas são adicionadas à festa como : o Sertanejo e o Forró, para que todos possam aproveitar.

Segundo a fonte do ¹³IBGE, Maravilha foi elevada à categoria de município através da lei estadual nº 2102, de 15 julho 1958, sendo desmembrada de Santana do Ipanema. A sede fica localizada no antigo distrito de Maravilha e o município é constituído apenas pela distrito sede. A instalação ocorreu em 02 de janeiro de 1959.

No dia 02 de janeiro de 1959 foi realizada uma festa para a comemoração, nesta houve a nomeação do prefeito, Fernando Rodrigues Alcântara pelo governador

¹³ Fonte Câmara municipal de Maravilha sobre a lei de desmembramento de Santana do Ipanema: A lei orgânica é uma lei ordinária aprovada em dois turnos pela Câmara Municipal, e pela maioria de dois terços de seus membros, que faz as vezes de lei fundamental daquele território.

Informações do Livro: DIONÍZIO, Elúzia Maria de Carvalho. Maravilha em Fatos e Fotos. [s.n.]; p. 38, 2012.

Ibid, p. 42.

Ibid, p. 58.

da época, Muniz Falcão. Logo após, pelo voto popular, foi eleito o Sr. Elesbão Barbosa de Carvalho.

Em 1960, a primeira escola foi construída, pelo prefeito Fernando Rodrigues Alcântara, levando o nome de Muniz Falcão, aberta apenas em 24 de novembro de 1961, pelo prefeito da época, Elesbão Barbosa de Carvalho. Depois de alguns anos o nome da Escola foi substituído para Escola Professor Atanagildo Brandão, em homenagem a um cidadão da cidade, que prestava serviço à comunidade, depois passou a se chamar Escola Estadual Professor Atanagildo Brandão, mas conhecido como Gidinho (foi o mesmo que incluiu as atividades de futebol no ano de 1937, sendo o primeiro técnico do município). O senhor José Vieira de Carvalho, conhecido como Zezinho, que doou o terreno para a construção do primeiro campo de futebol, hoje sendo chamado de Estádio de Futebol Florisval Marques Brandão.

Figura 14 - campo de Futebol Estádio Florisval Marques Brandão Atualmente em Reforma.



Fonte: Acervo Particular Sr. Ricardo Antônio, foto tirada no ano de 2023, para o TCC.

Em 1984 foi criado o time de Futebol ¹⁴Feminino da Cidade de Maravilha, pelo treinador conhecido como, Nego Lila. OS treinos eram feitos às quatro da manhã no Estádio Florisval Marques Brandão, e tinham que chegar mais cedo do que o time masculino, pois os mesmos não queriam dividir o campo, segundo as jogadoras da época. Muitas meninas da cidade faziam parte do time incluindo minhas tias. Os times da Cidade se dividiam em: o time de Maravilha e o time do Povoado de São Cristóvão que fica localizado a 12,8 km do Centro de Maravilha, havendo competição entre eles e outros times da região.

Em entrevista feita e realizada para essa pesquisa à, Josefa Henrique, mais conhecida como Chela pelos moradores da cidade de Maravilha - uma das

¹⁴ Fonte: Entrevista com Josefa Henrique sobre o primeiro time feminino da cidade de Maravilha.

participantes do time feminino - hoje aos 53 anos nos conta um pouco de sua história e da época feliz de sua juventude.

Figura 15 - Time de Futebol Feminino da Cidade de Maravilha no Ano de 1987.



Fonte: Acervo Particular da Sr.^a Josefa Henrique participante do Time de Futebol Feminino, da Esquerda para a Direita, Mazé, Rose, Dolores, Galega, Maria, Claudia, Rosilene, Cida, Dedana e o Treinador Nego Lila. Abaixadas estão da Esquerda para a Direita, Nitalma, Lasalete, Nuza, Lilian Melo, Josefa Henrique, Cristina e Valeria. Em pé do lado esquerdo de preto e branco estão duas integrantes do time de povoado de São Cristóvão como Jogadoras Reservas.

O time chama-se Esporte Club Maravilhense e foi fundado em 1986, existindo até a década de 90. A história começou quando um grupo de amigas, incluindo a entrevistada, costumava assistir aos jogos das equipes da cidade juntas. Em determinado momento, o treinador da época, Nego Lila, perguntou se elas gostariam de formar um time. Assim, ela e as amigas convidaram suas duas irmãs, Maria Aparecida e Maria do Socorro, suas primas também Maria, Mazé e Lila Melo, e as outras integrantes que estão na foto.

Os treinos ocorriam sempre às quatro da manhã, antes dos meninos usarem o campo, e às vezes no final da tarde. Elas costumavam jogar contra o time feminino de Ouro Branco e do povoado de São Cristóvão, próximo a Maravilha. O time chegou ao fim devido à partida de algumas jogadoras, outras não quiseram mais treinar e, gradualmente, acabou nos anos 90.

Elas não enfrentavam muito preconceito, pois o campo ficava lotado quando iam jogar. Até hoje, são reconhecidas na cidade pelo tempo que jogaram no time. A entrevista completa a Josefa Henrique está no Anexo D.

Apesar das minhas tias não seguirem carreira no futebol a nova geração da família Henrique seguem seus passos com alguns dos netos e bisnetos também jogando em times da cidade e com a minha prima/afilhada Layla Rocha que ainda

muito pequena aceitou o esporte como um dom e hoje aos 15 anos joga no time feminino ¹⁵Sportivo Maravilhense, em entrevista falou um pouco sobre sua vida no futebol.

Ela mencionou que se interessou pelo futebol devido ao envolvimento prévio de meus tios e tias com o esporte. O time só foi formado em 2016 e, naquela época, ainda não estava completo. As meninas mal treinavam, pois não tinham um treinador. Foi a esposa do atual treinador Rodrigo Wanderlei quem propôs a formação do time ao observar a Layla jogando com os meninos. Aproximadamente são 20 meninas que participam do time, mas a rotatividade é alta. Ela afirmou saber que minhas tias fizeram parte do time feminino na época, despertou seu interesse pelo futebol, como se fosse uma tradição famílias que ela carregava consigo. Entrevista completa a Layla Rocha no Anexo E.

Figura 16 - Time de Futebol Feminino da Cidade de Maravilha no Ano de 2023, Sportivo Maravilhense.



Fonte: Acervo Particular da participante do time Layla Rocha.

2.3 A ESCOLA E A BANDA FANFARRA

Em 2011, a Escola Professor Atanagildo Brandão celebrava a comemoração de 50 anos de atividades, com um projeto chamado, “Cinquenta anos de História Educando com Responsabilidade”, onde proporcionou à comunidade diversas atividades culturais e um grande desfile, nas principais ruas da cidade. Hoje, a Escola acolhe os alunos do Ensino Fundamental e Médio da Educação Básica.

¹⁵ Fonte: Entrevista com Layla Rocha sobre o time feminino da cidade de Maravilha atualmente. Entrevista completa no Anexo E.

Em 1978, a ¹⁶Banda Fanfarra foi criada, pela prefeita Maria José de Carvalho Nascimento, começando com poucos instrumentos, pertencente à Escola Atanagildo Brandão, coordenada pela diretora Maria Aparecida e Carvalho. Após o evento, os instrumentos foram doados para integrar a Banda Marcial do Ginásio Sagrada Família, pela diretora seguinte, Elúzia Carvalho.

No ano de 1983, no mandato do Prefeito Florisval Marques Brandão, deu continuidade as atividades da Banda ampliando e implementando novos instrumentos, mas só em 1989, no comando do prefeito Manoel Ormino Barros, que a Banda teve um crescimento notável, saindo de Banda Marcial para Banda Fanfarra, dando continuidade até o ano de 1996, com o prefeito Dr. Osman Catarina.

Naquela época, a Banda Fanfarra desempenhava um papel estabelecido. Posicionando-se para se destacar dentro e fora de Maravilha. ¹⁷Em 2006, alguns instrumentos foram obtidos para compor um desfile comemorativo para a escola Atanagildo Brandão, mas o grupo se desfez logo após o evento e se tornou insustentável por falta de verba.

Anos depois, no final de 2014, no mandato do prefeito Carlo Luiz Martins Marques, mais conhecido como Luizinho, a Banda Fanfarra teve seu retorno, seus integrantes regressaram modestamente com poucos instrumentos, mas foi dando muitos passos até voltar a ser destacamento, hoje a Banda Fanfarra Sagrada Família, participa de vários eventos, em diferentes cidades, até na Capital Maceió. São chamados para celebrações de datas comemorativas por prefeituras, o mais recente convite para desfile da Banda Fanfarra Sagrada Família longe da sua cidade, foi da Escola Estadual Professora Maria Avelino do Carmo, dia 29 de novembro de 2022, na cidade de Traipu, a 170 km de distância.

¹⁶ Vídeo do Desfile Escolar em comemoração a Emancipação Política de Alagoas no ano de 1991, organizado pelo Prefeito Manoel Armindo, conhecido como Midinho, incluindo a então Banda Fanfarra Sagrada Família, antes pertencente a Escola Professor Atanagildo Brandão: <https://www.youtube.com/watch?v=p6BXLHEqKHY>

Fontes sobre a banda fanfarra da cidade de Maravilha no livro: Informações do Livro: DIONÍZIO, Elúzia Maria de Carvalho. Maravilha em Fatos e Fotos. [s.n.]; p. 78, 2012.

¹⁷ Informações do Livro: DIONÍZIO, Elúzia Maria de Carvalho. Maravilha em Fatos e Fotos. [s.n.]; p. 78, 2012.

Informações atuais sobre a Banda fanfarra foram obtidas por membros da família Henrique que participam da banda.

Vários moradores da Cidade de Maravilha, tanto os mais velhos como os mais novos, têm a Banda Fanfarra como prática cultural passada por gerações, incluindo a Família Henrique, responsável por levar essa tradição aos filhos e netos até hoje.

Figura 17 - Banda Fanfarra Sagrada Família no ano de 2022.



Fonte: Acervo Particular da Sr.^a Josefa Henrique conhecida como Chela, participante da Banda Fanfarra junto com seus Familiares e Amigos, turma de 2022, Banda Completa.

Figura 18 - Banda Fanfarra Sagrada Família no ano de 2014.



Fonte: Acervo Particular da Sr.^a Josefa Henrique conhecida como Chela, participante da Banda Fanfarra junto com seus Familiares e Amigos, Turma dos Pratos.

O Turismo na cidade se concentra no turismo arqueológico. Além da Serra da Caiçara, atualmente, foram encontrados fósseis em Maravilha datados do período Pleistoceno da Era do Gelo, entre 10.000 a 100.000 anos, pertencentes a mamíferos gigantes, como preguiças-gigantes, tigre-dente-de-sabre entre outros. Esses fósseis foram encontrados no Sítio Paleontológico Ovo da Ema, a 12 quilômetros do centro de Maravilha.

Uma das atividades que vem crescendo é o Turismo Paleontológico, com visitas ao museu da cidade e aos sítios que contêm ainda vestígios de fósseis de milhares de anos. O Museu Otaviano Florentino Ritir foi fundado em 2007, após as descobertas em Maravilha, voltando-se exclusivamente para a Paleontologia no Brasil, recebendo visitas de vários pesquisadores de toda a América Latina com acadêmicos das Universidades de Alagoas e todo o país, assim como alunos de diversas escolas da capital e do interior. Funcionando das terças aos domingos. Além do museu da cidade e dos Sítios arqueológicos o município é repleto de estátuas representando esses animais pré-históricos fazendo do lugar um museu ao ar livre.

A Cidade ainda oferece pousadas e um hotel, Hotel Sagrada Família, na Rua Jose Vieira de Carvalho, existem diversos postos de alimentação por toda a cidade,

como: lanchonetes, bares, hamburguerias e restaurantes, um localizado na Rua Ver. Manoel Barbosa de Alcântara e outro na Rua Ernesto Soares Agra, que atendem a população jovem e adulta para entretenimento e são pontos que movimentam a economia local.

Figura 19 - Estátua da Preguiça - Gigante na praça central da Cidade.



Fonte: Acervo Particular Raíssa Henrique A. Santos
Foto tirada no ano de 2020, em Visita a Família.

Figura 20 - Tigre-dente-de-sabre em Frente ao Museu Paleontológico Otaviano Florentino Rittir.



Fonte: Acervo Particular Raíssa Henrique A. Santos
Foto tirada no ano de 2018, em Visita a Família.

2.4 O LAGO

Perguntei qual as lembranças que Maria Rozineide tinha sobre o Lago, a resposta foi a mais sincera e simples possível: *“As brincadeiras eram sadias, saldáveis com bastante alegria por estar com pessoas que amávamos. Era sempre com bastante mergulho e barulho, porque brincávamos e ríamos muito”*.

O ambiente natural do lago tinha pouco de vegetação, como vitórias régias e algumas flores não identificadas e por ser um clima quente semiárido ao passar dos dias a vegetação, nas proximidades do lago, secavam pelo calor do Sol. O lago tinha uma coloração barrenta por conta do seu solo e muitas pedras, mas era algo natural enchia e secava conforme o clima, e de lá se podia ver uma grande parte da cidade e da serra (que fazem parte das belezas naturais da região), como inúmeros pássaros, animais e muitas plantas, que já foram catalogadas por biólogos por estarem em processo de extinção ou serem muito raras.

Conhecida como Lagoa do Pico, em homenagem aos habitantes da região que escalaram o pico mais alto da Serra da Caiçara, foi possível avistar o lago, daí

o nome Lagoa do Pico, que naquela época como não existia muitas casas na região a lago possuía um grande volume de água.

Antigamente, sua extensão era muito grande, tanto que os moradores utilizavam canoas para a travessia, mas com o tempo foi dividida para o surgimento da estrada que corta a cidade fazendo fronteira com o município de Ouro Branco.

Figura 21 - Parte Esquerda da Lagoa do Pico, Depois da Reforma da Orla.



Fonte: Acervo Particular Raíssa Henrique A. Santos, Foto tirada em 2021.

Figura 22- Parte direita da Lagoa do Pico Aterrada.



Fonte: Acervo Particular da Sr.^a Josefa Henrique Conhecida como Chela, Foto tirada em 2022.

2.5 Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS

A visão que Maria Rozineide tem dos DNOCS era que: “Lembro que morávamos nos arredores do local onde foi construído o açude do governo por nome de DNOCS, daí em diante meu pai virou pescador do açude e foi assim que conseguia nos sustentar”.

Mais conhecido como DNCS, Muitas barragens ou poços foram construídos com recursos repassados pelo governo federal aos municípios, na tentativa de combater as secas no Nordeste, criando formas de ajudar agricultores da região e habitantes locais, na convivência do semiárido ou na irrigação de suas plantações abrangendo os estados do Nordeste e ao norte de Minas Gerais.

Ao passar do tempo o DNOCS era visto como instituição que se aproveitava das secas para fraudar verbas de forma corrupta, beneficiando políticos e fazendeiros da região. Eram feitas obras “fantasmas” e adulteravam pagamentos feitos a trabalhadores inexistentes. Com tantas ações fraudulentas durante anos foram recolhidas provas suficientes para ser aberta uma comissão parlamentar de inquérito

(CPI) e condenar tais práticas. Com a abertura de inquéritos e provas suficientes a desvalorização dos DNOCS levaram o governo a buscar soluções mais rígidas para o Nordeste, criando assim em 1959 a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) passando-lhe o controle desses antigos poços, informações do site, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, escrito por Alzira Alves de Abreu.

A SUDENE é um órgão especial da administração e financeiro autônomo, integrado ao Sistema de Planejamento e de Orçamento Federal. Sua sede na cidade de Recife (PE), sendo este vinculado ao Ministério de Desenvolvimento Regional. Informações do site, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Em resumo, é responsável por editar os regulamentos dos incentivos fiscais, aprovar e fiscalizar os projetos e empresas que submeterem os projetos e usufruírem, dos incentivos do programa.

2.6 FESTA JUNINA

Tenho um apreço muito grande quando se fala em São João e as festas juninas que trazem sempre lembranças de minha família e de memórias que ficaram pra sempre em minha história, assim como marcaram a infância e vida de minha mãe, ao perguntar a ela sobre essa data ela relembra com muita alegria e detalhes sobre seus sentimentos e o que a cultura desenvolve através da arte em sua vida;

Maria Rozineide:

“A festa Junina representa pra mim alegria, porque colhia com amor o que pastávamos, e era com bastante alegria que íamos buscar lenha no dia da fogueira quando meu pai chamava”.

“As festas juninas em casa eram maravilhosas, o meu pai adorava o mês de junho, era o mês todo de festa, era quando ganhávamos os vestidos de chita, e meu pai adorava fazer quadrilhas juninas, acordávamos todos cedo para poder decorar a nossa rua, com bandeirinhas e palhas de milho, sempre com a orientação dele”.

A Festa Junina é uma celebração brasileira originária da Europa, cristianizada na Idade Média como Festa de São João, era um evento religioso que promovia os

santos católicos portugueses. ¹⁸Trazida para o Brasil na época colonial, ganhou outras interpretações, desvinculado do significado religioso e forjou uma maior conexão com a terra e a origem brasileira. Ao longo do tempo, elementos de outras culturas, vindos de outros lugares no exterior e até de outras partes do país foram acrescentados à história, trazendo novos costumes, tipos de receitas culinárias, línguas, crenças, danças etc.

Formando assim, uma nova identidade e transformando a Festa Junina em uma verdadeira diversidade cultural brasileira. Por haver diferentes características as Festas Juninas podem ser estudadas através de elementos compostos de várias misturas culturais, com uma grande diversidade de cultura, grupos de diferentes etnias que auxiliaram na composição desta tradição.

Além do meu interesse pela Festa Junina por se tratar de uma celebração que move todo o Nordeste do país e outras regiões, levando além da cultura o desenvolvimento socioeconômico. O tema está ligado à cultura e as memórias festivas que tenho de minha família, tradição esta que ensinou meus parentes e amigos sobre a diversidade na tradição desta grade celebração, por ser capaz de agregar vários elementos numa mesma prática que narra culturalmente à história brasileira.

Por meio dessa análise, podemos compreender o impacto da cultura na sociedade e na economia local, e começar a estudar essa prática, que faz parte da identidade e da diversidade de um povo. Por este motivo irei tratar do tema explorando costumes históricos de forma concisa, para que depois possamos entender sobre o papel da cultura no município de Maravilha.

Podemos observar que esta tradição Junina vem mantendo informações de diversos costumes a partir do surgimento até os dias atuais, trazendo à tona os valores do povo nordestino. Por ter multidisciplinaridade, narra episódios históricos que apresentam origens da tradição desta festa por todo o país, desta forma podemos compreender o desenvolvimento de tradições dentro do contexto histórico.

¹⁸ Fonte sobre Festa Junina no Brasil: COSTA, CLEONILDES Da Aquino. Festa junina: síntese de uma mistura cultural. p.07, 2012.

Pesquisei sobre o tema das festas juninas, dentro da minha trajetória familiar, buscando entender suas origens e o seu significado, que levam sentido através do tempo, com elementos que constitui identidade cultural do povo Nordestino. Esse tema reforça a pesquisa das origens e o significado das Festas Juninas, trazendo uma identidade e a construção da memória artística, política, religiosa e sociocultural nas regiões do nordeste, principalmente nas pessoas que integram de forma afetiva às práticas dos festejos.

O trabalho analisa a Festa Junina, focando na transformação de identidade através da diversidade cultural que deu origem essa tradição, possibilitando a compreensão do sujeito nordestino, construindo sua própria identidade social, pelas suas experiências culturais, analisando pelas perspectivas do município de Maravilha.

Durante o curso de Licenciatura em História, aprendi a melhor forma de observar como essas expressões culturais, que aproximam os jovens da cultura e da sociedade, e é por meio dessa observação que como estudante do curso de História, da Universidade Federal de Alagoas, fui capaz de avaliar a importância dessas interações no meu ambiente familiar e nas regiões onde sempre convivi. Anteriormente, como não tinha essa perspectiva, não conseguia identificar esses aspectos, apesar de fazer parte dessas interações culturais, mas durante meus estudos pude analisar certas experiências que são importantes para a vida sociocultural de uma região.

De acordo com Vitalli 2008, citado no texto de ¹⁹Cleonildes Aquino da costa sobre Festa Junina: Síntese de uma Mistura cultural 2012, refere-se aos portugueses ao estabelecer o empreendimento colonial no Brasil, a partir dos anos de 1500, as festas dedicadas a São João eram o principal centro das comemorações do mês de junho. Muitos pesquisadores afirmam que os jesuítas acendiam fogueiras no mês de junho e atraíam a atenção dos indígenas, segundo Vitalli (2008, p. 21), já que o mesmo período correspondia à realização dos mais importantes rituais brasileiros. A fogueira simbolizava para os indígenas a representação e a proteção contra os maus espíritos

¹⁹ Fonte sobre Festa Junina no Brasil: COSTA, CLEONILDES Da Aquino. Festa junina: síntese de uma mistura cultural. p.16, 2012.

e a celebração das colheitas. As comidas típicas, como o milho, a canjica e o pé-de-moleque, simbolizam a abundância da colheita e a gratidão pela fartura.

Ainda segundo a antropóloga ²⁰Lúcia Helena Vitalli Rangel (2008, p. 15), muitas influências foram incorporadas no surgimento das festas juninas que vemos nos dias de hoje, além dos portugueses, os chineses também agregaram elementos culturais, assim como, espanhóis e franceses, que tinham o objetivo de fazerem comércio no Brasil, deste modo caracterizou uma mistura cultural.

Portanto, a simbologia que a festa junina carrega não se refere apenas a tradição de uma festa, mas sim a uma cultura regional como um todo, encontrando uma série de componentes da cultura brasileira, como os arraiais e casamento matuto, que veem de uma simbologia do meio rural transportado para a vida urbana.

As quadrilhas, dança tradicional dos festejos juninos, trazem aspectos da cultura francesa em seu entrelaçamento de pares, usando o ²¹*anarriê* (se referindo para atrás), da época dos bailes populares entre os aristocratas do século XIX. Logo após chegando ao Brasil, houve uma reinterpretação de linguagem, foram adicionadas outras simbologias aos comandos da quadrilha, criando um ar mais brasileiro.

Nos dias atuais, as quadrilhas são uma interpretação das Festas Juninas, sendo apenas dançadas apenas nesta época. Muitos instrumentos musicais foram adicionados aos festejos, como a sanfona, triângulo, zabumba, violão e viola compondo o ritmo dos festejos dando uma entonação ao rural e regional a festividade.

²⁰ **Lucia Helena Vitalli Rangel**

Formação acadêmica: Graduação em Ciências Sociais 1970 – 1973, Mestrado em Ciências Sociais 1974 – 1979, Doutorado em Ciências Sociais 1983 – 1994, Pós-doutorado 2010 – 2013, Pós-Doutorado. Consejo Latino-Americano de Ciencias Sociales - Argentina, CLACSO, Argentina. Grande área: Ciências Humanas, 2021 - 2021 1º Ciclo de Formação e Desenvolvimento Docente. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP, Brasil. Áreas de atuação: Grande área: Ciências Humanas / Área: Antropologia / Subárea: Etnologia Indígena, Teoria Antropológica.

²¹ *Anarriê* (*an arrière - para trás*), Origem francesa, voltar todos a seus lugares, na dança da quadrilha, *muito usada nas quadrilhas, festas juninas.*

Vários compositores brasileiros produziram diversas músicas que retrataram a cultura Nordestina de vários ângulos, acrescentando temas e heranças locais. A fogueira é outro dos símbolos que foi introduzido à cultura dos festejos juninos, sendo ela primordialmente a forma de aliviar o frio, pois na época dessa solenidade cai no mês de junho, mês do inverno no Nordeste. Essa prática em si veio dos costumes europeus que usavam nos festivais de verão para afastar os maus espíritos, muito usadas em noivados, casamentos e as festas das colheitas para trazerem boa sorte, sempre sendo o símbolo central das festas. Segundo alguns estudiosos, sobre essa prática, quanto maior a fogueira maior a notoriedade de seu montador. (RIBEIRO, 2002, p. 29).

Outra característica era pular a fogueira como um ritual de celebração, com músicas e danças típicas, esse modelo de festividade surgiu com várias vertentes, uma delas era que essa simbologia da fogueira e seus rituais vem de festas pagãs que tinham o intuito de agradecer pela fertilidade e proteção aos deuses, sendo mais tarde substituídas pela interpretação da Igreja Católica, que a primeira fogueira acesa foi em Jerusalém na data dos festejos, onde Isabel estava grávida do seu filho João e sua prima Maria precisava receber uma mensagem que avisaria o nascimento de seu filho, sinal esse em que a fogueira seria erguida e acesa em frente à sua casa, ficando assim, o dia 24 de Junho, a celebração do nascimento de São João e trazendo a fogueira com significado de Nascimento.

As tradicionais bandeirinhas que enfeitam a festa de São João, são simbolicamente traduzidas como referência às bandeiras dos santos. Os fogos de artifício têm o significado de despertar São João, os balões representam a subida dos pedidos até o santo.

Já o casamento matuto representado como uma parte da festa junina, recuperar a tradição do início do século no Brasil, onde a maior parte do o país era rural, com vida sexual casta segundo as leis da Igreja Católica e, muitas vezes, quando faltava a castidade, o casamento era a única forma de garantir a permanência na sociedade, tornando o casamento uma cena típica de conspirações.

Não podemos de forma alguma falar do mês junino sem falar de sua culinária, ponto muito importante na migração e imigração de culturas nesta festa. Mas a maior

influência gastronômica é sem dúvida a culinária indígena, muitos produtos como a macaxeira e o milho que são feitos os pratos principais, como os bolos, salgados são produtos que acarretam na atuação brasileira na tradição deste mês misturando com a alimentação regional sofrendo adaptações portuguesas e africanas.

A nossa culinária tanto nas festas como no nosso cotidiano, trazem alimentos derivados dos plantios, do comércio e da indústria sobre determinado produto, a junção da época colonial com os dias de hoje, são ligados a várias vertentes diferentes. A gastronomia sem dúvida é uma forma de linguagem que traduz a construção social, mostrando os conceitos da vida cotidiana de uma cultura, ao mesmo tempo ela expõe é traz de volta o espelho de uma determinada época, tanto cada lugar tem seu próprio paladar e referencial culinário como cada lugar mostra através dela a sua identidade cultural.

Essa diversidade de elementos culturais gastronômicos mostrados no Brasil foi de suma importância para as quantidades de ingredientes, que integram as Festas Juninas, já que a maior parte dos pratos foram herdados dos indígenas, mas outra parte vem de ingredientes vindos da Europa, dando as características aos hábitos alimentares dos brasileiros, sem essa diversidade esses pratos não seriam tão apreciados, como são até hoje.

Podemos compreender que as mudanças que cercam cada simbologia sobre as Festas Juninas dentre outras culturas primarias, alguns significados querem se sobrepor a outras. Certas culturas não aceitam as simbologias pagãs que veem de heranças indígenas, fazendo com que se criem novas versões que introduzam esses rituais a própria realidade, para a continuação de suas práticas, adicionando também a essência religiosa sobre esses festejos.

Algumas pesquisas mostram que a festa junina estima as condições do homem ao longo da história, que as expressões culturais são explicadas através do reflexo que conduz o homem em suas dificuldades do dia a dia para se apoiar em algo, mesmo com a escravidão, ou viva em condições precárias essas é a forma de aliviar. É por manter vivas as manifestações culturais como a Festa Junina, as tradições e os costumes onde estão preservadas a identidade social a ser passada para as próximas gerações, para que não morram em consequência as práticas da modernização.

Estas práticas foram frequentemente honradas na cidade de Maravilha, carregando consigo a importância da tradição e da cultura, trazendo ao povo uma valorização significativa de herança dos antigos povos da região. Essas práticas ainda se fazem presente nos dias de hoje, mesmo que com estilos distintos e modernizados, porém revelando um vislumbre histórico em seu âmago.

Um ponto importante a ser citado que é que através da era moderna as Festas Juninas ganharam espaço nas mídias e reconhecimento de outras regiões cativando visitantes e investidores, porém há um risco de perder sua essência levando-a apenas para o âmbito mercadológico, quebrando o sentido mais íntimo e familiar.

No estado de Alagoas são realizados os festejos juninos cheios de muita animação, música, dança e comidas típicas (não podem faltar), vestimentas tradicionais também não ficam de fora. As casas e as ruas são enfeitadas com suas fogueias para completar os festejos do mês de junho Com o Forró como estilo musical, que contagia cada bairro, tem sua decoração, ainda mais detalhado no interior. Na capital e nas cidades maiores do Estado são feitos shows gratuitos e privados com bandas que afloram a cultura nordestina.

Com as quadrilhas estilizadas com a mistura da tradição com a modernidade as disputas entre elas nos festivais levam a um nível de competição exorbitante, levando vários participantes e numerosos públicos para assistirem a estas disputas.

O São João não é somente o festejo em si, que movimenta a indústria e a economia, a um trabalho todo por trás de cada apresentação, que movem as costureiras, bordadeiras, maquiadores, figurinistas, coreógrafos, cabelereiro, roteirista, direção de musicais, além dos dançarinos e todos os profissionais que trabalham para mostrar um cenário único cada ano, e fazer os espectadores vibrar e torcer pelas que mais encantam.

Da mesma forma que ocorre na cidade de Maravilha, a economia experimenta um crescimento neste período. Muitos empreendedores enxergam neste mês uma oportunidade de aumentar sua renda por meio dos eventos promovidos pela cidade. Além disso, há também costureiras e artesãos que garantem sua participação nas festividades locais.

No estado de Alagoas a festa mais visitada, é na capital Maceió, temos o São João do Jaraguá, que duram vários dias junto a vários arraiais espalhados pela cidade. Um outro evento que traz muita visibilidade para Maceió é a abertura das festividades com a saída do Trem do Forró passando pelo bairro de Fernão Velho, passando por outros pontos turísticos como; Os arraiais do Porto Real do Colégio, o de Marechal Deodoro, de Piranhas, em Arapiraca, Palmeira dos Índios, entre outros.

Não poderia deixar de apontar os festejos juninos sem falar o forró da Cidade de Maravilha. São três dias de festa, com muitos shows e atrações pela cidade (além de sua estrutura conter a temática paleontológica), no mês de Junho ganha ainda mais enfeites para as comemorações. Se transformando em um grande arraial, muita música de boa qualidade, além do forró raiz.

Ainda podemos desfrutar do sertanejo universitário e não podemos deixar de citar as comidas típicas que fazem parte das comemorações, um mês da colheita do milho e amendoim, fazendo com que as receitas fiquem muito mais saborosas na mesa do maravilhenses, que usam seus trajes típicos, roupas em tecidos coloridos e florais ou xadrez, as mulheres com muitas tranças e fitas enfeitando os cabelos, e os homens usam seus chapéus de palha, levando a cultura nordestina para as futuras gerações, uma forma também de elevar a sócio/economia pra a região, dando trabalho para as diversas áreas como as costureiras que fazem desse mês um mês rendável.

3 INFLUÊNCIAS FAMILIARES

3.1 O LEGADO DO MEU AVÔ

Meu avô, Pedro Henrique da Silva, mais conhecido como Pedro de Caí, nascido na cidade de Mar Vermelho, no ano de 1940, descendente de povos tradicionais do Brasil, mudou-se para Maravilha aos 12 anos. Sua biografia era pouco conhecida (eu não tinha o conhecimento nem a curiosidade que tenho hoje de saber sobre a história de minha família) e hoje já falecido. Conheço seu passado através de relatos das minhas tias e minha mãe, que também sabem pouco sobre o passado dele. A minha avó, aos seus 80 anos, já não lembra sobre a trajetória de seu marido.

O pouco tempo que passamos juntos a imagem que tenho dele é a seguinte: um homem forte, trabalhador, que gostava muito da cultura nordestina. Até hoje, na cidade, é homenageado por ser o primeiro organizador das quadrilhas matutas juninas, dando à cidade uma nova visibilidade. ²²Com sua morte, as quadrilhas passaram a ser organizadas pela prefeitura com um estilo contemporâneo.

Ao perguntar a Maria Rozineide sobre as memórias que ela tinha sobre meu avô ela não pensou muito para responder, apesar de todos veem ele como o mestre Pedro de Caí, nossa visão familiar é como ele nos ensinou a sermos fortes e que a nossa cultura está no sangue: *Ele me ensinou ser uma pessoa responsável, honesta e trabalhadora. Apesar de ter bastante filhos, não deixava faltar nada, trabalhava de tudo que conseguia, não sabia ler, nem escrever, mas era muito inteligente*".

O que ele ensinou mais a gente sobre a Festa Junina, é que se chegava o mês de junho era só correria, pra fazer lembrancinhas, as roupas que ia usar na quadrilha, organizar tudo, a madeira da fogueira, que tínhamos que ir buscar no mato, arrumação da rua, era só divertimento, era bom demais...(risos) ele se juntava com a gente e todo canto que os filhos iam ele estava junto, pra dar apoio, pra dizer como ele queria que ficasse as decorações da rua, ai dizia: "Os homens vão buscar a madeira e as mulheres vão fazer as bandeirinhas de enfeitar a rua, quero ver essa rua toda enfeitada de bandeirinhas.

²² Fotos indicadas no anexo B, das primeiras quadrilhas matutas organizadas por ele.

Hoje, gosto de fazer artesanato porque por ver meu pai fazendo tanta coisa, por exemplo, fazendo os chapeis da pessoa que dançava Reisado, tínhamos que ajudar daí os filhos começaram a se interessar, não só eu como outras irmãs. E também gosto de fazer porque me sinto bem, como se fosse uma terapia, quando estou fazendo eu esqueço de tudo. Meu pai era muito criativo, por ver ele fazendo tanta coisa foi que aumentando nosso interesse de fazer artesanato.

Em memória do meu falecido avô muitos de seus alunos, hoje, continuaram seu legado, participando das quadrilhas e reinventando o seu legado, sem deixar morrer a cultura nordestina.

Figura 23 - Foto de Pedro Henrique da Silva, não se sabe o ano que ela foi tirada.



Fonte: Foto do Acervo particular da Família Henrique. Sem data

Em homenagem ao mestre Pedro Henrique, um de seus alunos que seguia seu trabalho, escreveu um texto sobre a herança deixada por ele. Memórias de um São João: Relato na íntegra de Thiago Sothero, Em Memória do Saudoso Mestre Pedro de Cai. Texto completo no anexo F.

Figura 24 - Homenagem feita na quadrilha Da Creche da Cidade de Maravilha – AL.



Fonte: Centro Municipal de Educação Infantil Deyna Marcia Rocha Silva (2013).

3.2 SUBSISTÊNCIA FAMILIAR

Depoimento de Dona Rozineide: sobre atividade econômica do pai, a relação com os filhos e recompensas

“Meu pai fazia de tudo um pouco, concertava bicicleta, panela, sombrinhas e guarda-chuvas, fazia chapéus de Reisado, rede de pesca além de trabalhar de roça”.

“Trabalhávamos de roça junto de nosso pai, para trazer o sustento da nossa casa. Por isso, somos bem-visto em Maravilha, nossa cidade, por ajudar nosso pai na roça. Fomos convidadas, eu e minhas irmãs, para fazer a limpeza do local chamado Clube Caiçara, onde aconteciam os bailes da cidade, para termos o direito de receber os ingressos da entrada da festa, já que meu pai não tinha condições de pagar a entrada para todos os filhos. Assim como quando chegava o circo na cidade, o dono do circo procurava meu pai, por ele sobre fazer de tudo um pouco, todos da cidade conheciam e indicavam ele, daí logo surgiu uma amizade entre eles, daí tínhamos a entrada de graça no circo. Às vezes, trazia até um pouco de inveja de algumas pessoas”.

E então, Maria Rozineide me disse que para receber algo ela e seus irmãos tinham que trabalhar muito, nada era dado, tudo vinha da força, do trabalho e de muita humildade, o sustento da família dependia do esforço dos meus avô que conseguiam sobreviver com o pouco que tinham.

Assim como a família do meu avô, existiam mais cinco famílias que tiravam o sustento, de inverno a verão, da pesca tirada do lago, dos plantios de algodão, feijão e milho. Depois que o prefeito Sr. Florisval Marques Brandão em meados dos anos 80 desativou uma parte do lago com o argumento de construção e ampliação da cidade, aterrando para a construção de novas moradias, deixou de existir o meio de sobrevivência das respectivas famílias. Eles perderam o meio de sobrevivência em um período crítico da seca. Nos anos 90 outras residências foram construídas ao longo dos mandatos dos seguintes políticos, mas uma boa parte da região ainda está sem uma organização urbana.

Logo após eles perderem sua subsistência, meu avô procurou outra forma pelo qual conseguiria sustentar sua família (nove filhos e minha avó). No verão como não tinha mais a venda dos tijolos, por não existir mais a lagoa para tirar a matéria prima,

no caso do barro, ele passou a ser funileiro, fazendo reparos e instalações em peças diversas em chapa de metal, e no inverno continuou com pesca e plantio.

Ele levava a filha mais velha para a pesca, com tarrafas, rede circular, com pequenos pesos distribuídos em torno de toda sua circunferência e rede de pesca, construídos com pano flexível geralmente de fibra e com malha de tamanho menos que a dimensão dos peixes em outra localidade, situada na barragem do ²³DNOCS a Oeste da cidade de Maravilha, ao chegar às três da manhã as outras filhas iam fazer a limpeza do peixe para serem vendidos em Águas belas em Pernambuco, de bicicleta.

²³ Departamento Nacional De Obras Contra As Secas (DNOCS). Órgão criado em 1909, ligado ao Ministério da Viação e Obras Públicas. Em 1909 passou a chamar Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS) e em 1945 recebe o seu nome atual.

4 TRABALHO

4.1 O TRABALHO INFANTIL FAMILIAR E NO BRASIL

Começo falando como era o trabalho na infância dos filhos da Família Henrique para que possamos entender melhor a forma de trabalho naquela época e suas dificuldades enfrentadas pelas famílias mais pobres, minha mãe (D. Maria) relata um pouco sobre sua história na infância:

Comecei a trabalhar de roça com apenas 10 anos de idade, junto com minhas irmãs e meus pais, até os 18 anos, quando vim para Maceió trabalhava na casa de um pessoal conhecido da minha família no ano de 1985. Ainda pequena como sou a segunda filha mais velha eu e minha irmã cuidávamos dos meus irmãos mais novos para ajudar nossa mãe.

Na saída da cidade de Maravilha havia um lago onde meu falecido avô e suas quatro filhas mais velhas tiravam o barro como matéria-prima para fazer tijolos para o sustento da família; construía²⁴ caieiras para a queimada dos tijolos que fabricavam durante o dia e queimavam a noite para serem vendidos na cidade. Apesar de todos os esforços e dos trabalhos braçais, eles aproveitavam o tempo livre.

Segundo Alguns especialistas Ambientais, quando se referem às Caieiras e na retirada de matéria – prima do solo podem causar diversas categorias de danos para o meio ambiente. Pois, em sua produção são realizadas diversas etapas que podem causar impacto não só ao meio ambiente, mas também em meio à sociedade.

Os principais impactos causados pela fabricação de tijolos e sua queimada, resultam na queda da qualidade do ar devido à projeção de gases poluentes, além disso, acarreta o desmatamento da vegetação responsável pela cobertura do solo, favorecendo o aparecimento de erosões. No entanto, esse era um dos meios de

²⁴ Caieiras: Forno armado com os próprios tijolos de barro a serem cozidos. Forma de fabricação: Sua matéria-prima era somente barro e água do próprio lago, misturando bastante até fazer uma massa espeda, com um molde de madeira do formato dos tijolos se aplica o barro por cima e deixa secar, depois o processo era empilhar os tijolos em fileiras com distância de dois tijolos e entre essas fileiras se colocam madeiras para queimar (cozinhar) os tijolos. Uma semana era tempo suficiente para os tijolos estarem completamente frios e prontos para a venda.

sobrevivência de algumas famílias do interior de Alagoas, atualmente essas atividades não são mais encontradas na região segundo o IBGE.

Segundo minha mãe, no verão trabalhavam com os tijolos e no inverno trabalhavam nas roças e na pesca; no verão o lago estava cheio de água das chuvas do inverno, neste período eles aproveitavam para a fabricação dos tijolos, acordavam sempre às 5 horas da manhã e trabalhavam na fabricação dos tijolos até às 12 horas, às 13 horas iam para a escola até às 17 horas da tarde; quando os tijolos estavam secos aos fins de semana eles faziam as caieiras o cozimento dos tijolos, no inverno a rotina mudava para se adaptar a novas condições de trabalho. Apesar de todos os trabalhos eles desfrutavam de toda riqueza natural.

O trabalho infantil no Brasil de acordo com a ²⁵OIT, Organização Internacional do Trabalho, os números mostram que são aproximadamente 150 milhões de crianças de 05 a 14 anos trabalhando no ano de 2008 sendo que 215 milhões de trabalhadores tinham idade inferior a 18 anos. Ou longo das últimas décadas foram feitas diversas análises para obtenção das causas, consequências e as soluções para os trabalhos infantis, pois estes estudos estão cada vez mais sendo facilitados pelo aumento das flexibilidades de dados individuais ou separados com informações mais detalhadas dos indivíduos.

No Brasil a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), é quem analisa o trabalho infantil no país, esses dados são coletados pela Pesquisa Nacional por Geografia e Estatística (IBGE) feita anualmente em todo território nacional. Desde 1992 que o PNAD integra informações sobre o trabalho infantil contando a partir dos cinco anos de idade, nos anos de 2001 a 2006 foram implementados questionamentos específicos sobre o assunto, hoje o país sendo conhecido internacionalmente por sua capacidade de combate ao trabalho infantil com políticas sociais inovadoras e com base de dados de qualidade. (KASSOUF, 2007, p.05).

²⁵ A Organização Internacional do Trabalho foi fundada em 1919 pela conferência de Paz de Paris organização matriz pela Organização das Nações Unidas, para promover a justiça social, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) é a única agência das Nações Unidas que tem estrutura tripartite, na qual representantes de governos, de organizações de empregadores e de trabalhadores de 187 Estados-membros participam em situação de igualdade das diversas instâncias da Organização. Site Oficial do OIT: [Member States \(ilo.org\)](http://ilo.org)

Com essas pesquisas de dados pode produzir um maior entendimento dos dispositivos de atribuições dentro e fora de suas moradias, a pobreza, a escolaridade dos pais, a estrutura familiar, a idade em que os pais começaram a trabalhar, local da moradia, todos esses dados são levados em consideração para explicar a destinação da criança ao trabalho.

É importante evidenciar que essas atividades ilícitas que envolvem crianças e adolescentes, como no tráfico de pessoas e de drogas ainda há muito o que evoluir em análises administrativas e informações que aperfeiçoem as políticas de proteção social educacional de assistência social às crianças e adolescentes e as suas próprias famílias. Estudos mostram que crianças com pais de maior escolaridade são menos suscetíveis ao trabalho na infância, o que implica na valorização da educação dos filhos pelos pais que tem uma visão mais ampla do futuro dos filhos.

Algumas características são vistas nas pesquisas, como a escolaridade da mãe ter um maior efeito sobre o ²⁶trabalho das crianças comparadas a escolaridade do pai. Alguns estudos de 2003 apontam o efeito negativo para a escolaridade da mãe sobre o trabalho das crianças nas zonas rurais de determinados países, assim como estudos de 2000 apontaram que no Vietnã e na Índia também mostraram os mesmos índices, com tudo, os estudos feitos no ano de 2002 aqui no Brasil apontam que o efeito negativo é significativo para ambos os pais.

A estrutura familiar também pode ser um indicador inicial de trabalho infantil, pois muitas crianças precisam ser os provedores da casa quando o número de irmão é grande principalmente de irmão mais novos. Os pesquisadores incluíram as idades dos irmãos por ordem de seus nascimentos concluíram que o último a nascer tem menos probabilidade de entrar na estatística, implicando que algumas crianças trabalhem para que outras tenham a oportunidade de estudarem.

²⁶ KASSOUF, Ana Lúcia. O que conhecemos sobre o trabalho infantil?. *Nova economia*, v. 17, p. 323-350, 2007.

Ibid, p. 18.

Ibid, p. 01.

Nota-se que nas áreas rurais em suas diversas atividades contém uma enorme porcentagem de crianças e adolescentes em situações de trabalho infantil, isso não é só pelo fato dessas áreas terem uma maior taxa de pobreza, mas também pelo ensino ser mais fraco, tendo o menor número de inovação tecnológica que podem ocasionar a evasão nas escolas, isso seria um facilitador para que crianças sejam levadas as atividades informais, como as atividades agrícolas que não exigem uma qualificação que dificultem a estrada de crianças nestes empregos.

Podemos referir outros pontos importantes para o trabalho infantil, mas alguns ainda não muito abordados, como salário, idade e as diferentes ocupações dos pais dessas crianças, o tamanho das áreas em que essas crianças trabalham, se essas crianças e adolescentes tem algum custo sobre a escola, as medidas e espaços estrutural de ensino, o território e a infraestrutura da comunidade, as disponibilidades dos transportes públicos, as vias existentes no local, saneamento básico e a qualidade da moradia.

Um dos sinais mais encontrados nas pesquisas quando o assunto é trabalho na infância, a baixa escolaridade e o caimento do desempenho escolar são fatores primordiais por traz das causas do trabalho infantil, ele faz com que seja limitado a oportunidades de emprego fazendo aquele jovem sempre se mantenha na pobreza vivenciada pelos seus pais.

Outras pesquisas mostram as consequências do trabalho realizado por crianças e adolescentes, a saúde física e mental são pontos determinantes para a formação de novos adultos. ²⁷Kassouf, utilizara dados de pesquisas do Brasil em 2001, na obra *Evolução do Trabalho infantil no Brasil*, que mostravam que quanto mais cedo o jovem começa a trabalhar pior fica seu estado de saúde na fase adulta, apesar desse tópico aparecer pouco nas pesquisas feitas no país ainda sim esse efeito negativo é de suma importância para compreendermos os efeitos nocivos destas práticas para as crianças.

O tema vem cada vez mais ganhando destaque nos últimos anos devido à diminuição de políticas públicas que combatem o trabalho de crianças na infância, com o aumento da fome no Brasil os números são cada vez mais alarmantes. Com o

²⁷KASSOUF, Ana Lúcia. *Evolução do trabalho infantil no Brasil*. *Sinais sociais*, v. 9, n. 27, p. 15, 2015.

governo do presidente Jair Bolsonaro, houve o aumento significativo de crianças e adolescentes brasileiras de minoria pretos e pobres em condições de trabalho infantil atualmente no país. Essa prática ilegal e priva crianças e jovens de terem uma vida saudável e com oportunidades, quando isso acontece elas são afastadas das escolas, além de facilitação da exploração sexual, o tráfico, e aos acidentes de trabalho ocasionando lesões para o resto da vida e até a morte.

No dia 12 junho de 2022, a atenção sobre este tema é ainda mais relevante pelo Dia Mundial de Combate ao Trabalho Infantil, mas tendo discussões permanentes na CUT, segundo dito pelo secretário Ismael José Cesar de Políticas Sociais da própria CUT. Este tema é um assunto de grades debates e que merece muita atenção da sociedade por ser uma violação aos direitos humanos, de acordo com a OIT, as críticas dos dirigentes por falta de compromisso de Bolsonaro com as crianças e adolescentes, segundo o site Central Única dos Trabalhadores – CUT, na publicação feita por Marize Muniz e Andre Accarini, em janeiro de 2023.

A Constituição Federal e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) definem que é dever do Estado desenvolver e manter políticas de proteção a essa camada da população, relatado pelo secretário da ²⁸CUT, ele declara que o cenário tem piorado muito durante o governo de Bolsonaro (2019-2022). Descreve também que políticas públicas e sociais que visavam combater o trabalho infantil foram retiradas de prioridade como também a estrutura do Ministério do Trabalho, discutindo decretos que dificultaram o MPT, Ministério Público do Trabalho, na percepção de fiscalização, portanto, tendo o acréscimo da vulnerabilidade das crianças e adolescentes:” se tornou ainda mais oculto”, comenta o dito secretário

Nas últimas pesquisas feitas pelo PNAD, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios e os IBGE, instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 2019, mostra que 1,8 milhões de crianças e adolescentes estavam em situação de trabalho infantil naquele ano, representando 4,6% do total de pessoas entre 5 a 17 anos nesta situação no país, sendo que 66,1% eram pretos ou pardos.

²⁸ Informações retiradas do site: <https://www.cut.org.br/noticias/com-bolsonaro-cerca-de-2-milhoes-de-criancas-estao-em-condicao-de-trabalho-infan-6854>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2023.

A CUT revela que existe cerca de dois milhões de crianças e adolescentes nessa situação, concluindo que o Pnad e baseando em suas pesquisas feitas por amostra de domicílios, havendo muitas crianças em situação de vulnerabilidade que muitas pesquisas não alcançam por fazerem parte grupo de pessoas em situação de rua no Brasil. Com milhares de famílias desabrigadas, sem renda alguma, vemos muitas crianças pedindo nos semáforos, mas essas crianças e adolescentes não entram nas estatísticas segundo a CUT.

Podemos ver ainda nesses cenários um agravante significativo no governo de Bolsonaro (2019-2022), muitas ações como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), cuja sua criação foi no ano de 1996, sendo este financiado pelas verbas da União e canceladas em 2020. Fazendo os estados e municípios deixaram de executar tais atividades. O programa PETI financiava e incentivava práticas para o combate dentro dos municípios com maiores números de ocorrências de trabalho infantil.

Depois de lermos tantas estatísticas e pesquisas que apontam que a uma piora na elaboração de atividades que diminuam essas condutas do Trabalho Infantil, não é algo fácil de combater, mas a criação de políticas públicas que facilitem o trabalho dos órgãos que fazem parte da estrutura de uma movimentação que definira o futuro de muitas crianças e adolescentes, além do apoio de toda a sociedade de que essas práticas são nocivas para uma das fases primordiais para o surgimento de cidadãos responsáveis e capacitados.

Muitas crianças e jovens que vivem em zonas rurais têm oportunidades educativas enfraquecidas e carecem de estruturas para garantir um futuro melhor. A Cidade das Maravilhas não é diferente. Muitas pessoas abandonam o lar e a família ainda jovens e mudam-se para cidades próximas e grades capitais para melhorar a sua qualidade de vida, sendo esta a única opção devido à falta de possibilidades.

Outro ponto importante a ser citado é a criação de mais empregos no Brasil e políticas econômicas que avancem no desenvolvimento da renda. O plano emprego é uma capacitação vivenciada no país durante os governos de Lula e Dilma que tiveram resultados positivos no combate ao trabalho de crianças e adolescentes, diminuindo cerca de 13,44% nos anos de 2000 e 2010, segundo as pesquisas no senso de 2010

de acordo com o IBGE, mostrando a diminuição do Trabalho Infantil em crianças e adolescentes entre 10 e 17 anos de idade, segundo publicação no site do G1 em 2012.

Também é fundamental citarmos que as crianças estejam matriculadas na escola, dando preferência a integralidade, assim como a geração de mais empregos em conjunto com políticas de distribuição de renda. Não podendo deixar de lado políticas que incluam a habitação como algo primordial, lembrando que no ano de 2021 o governo cortou 98% dos orçamentos destinados às moradias populares, segundo os dados obtidos pela Fundação João Pinheiro, essa carência é de mais de 5,8 milhões de moradias. Sem esses pontos cruciais o Brasil não conseguira cumprir essas metas de diminuição, até 2030, para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, que acompanham a irradicação do trabalho infantil em todas as proporções até 2025, segundo site da Contee, publicado em junho de 2022.

Mas nos perguntamos o que aconteceria se esse quadro não obtivesse uma mudança significativa, o secretário geral da CUT nos afirma que devido à diminuição de políticas no combate ao trabalho infantil, o país vivenciou um momento de extremo abandono:²⁹ “Não é admissível que uma sociedade naturalize ou feche os olhos para o trabalho infantil” diz Israel Cesar em entrevista para a comemoração do dia 12 de julho, dia mundial contra o trabalho infantil, Ainda alerta que ações de combate precisam ser tomadas urgentemente pela nova gestão e para a. Alerta que á uma dissimulação dentro dos setores principalmente nas elites econômicas que deturpam a visão do trabalho de crianças e adolescentes.

Podemos citar a deputada federam bolsonarista Bia Kicis, do partido PL, no Distrito Federal, que apesar de ter uma infância coberta de privilégios, resolve dar uma declaração insustentável sobre os benefícios do trabalho aos 12 anos de idade em sua rede social.

KICIS, Bia. “Aos 12 anos de idade eu fazia brigadeiros para vender na minha escola. E o mais interessante era que eu não precisava, mas eu sentia uma enorme satisfação de pagar as minhas aulas de tênis com o esse dinheiro. Eu me sentia criativa e produtiva. @Biakicis.” 8 de jul de 2019, 12:26 AM. Tweet.

²⁹ Fonte tirada no site: <https://contee.org.br/dia-mundial-contra-o-trabalho-infantil-desgoverno-bolsonaro-joga-cerca-de-2-milhoes-de-criancas-na-pratica-ilegal/>

Segundo a resposta do secretário da CUT Ismael José Cesar, a parlamentar desconhece a realidade de diversas crianças pobres que passam fome atualmente no país, tendo seus pais desempregados, essas crianças nunca terão o privilégio de estudar em uma escola particular, muito menos ter a chance de fazer aulas de tênis, como foi citado por ela. Ele ainda acrescenta, sendo este um desrespeito total. Vendo o exemplo desta parlamentar que sendo ela uma figura política, nos mostra como a visão elitista romantiza o trabalho infantil o fazendo voltar a ser uma realidade de muitos e deixe o combate dessas práticas de fazerem parte de políticas de Estado.

Em Brasília o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou em solenidade no Palácio do Planalto o decreto que regulamenta a Convenção Nº 182, que implica sobre a proibição das piores formas de trabalho infantil e ações imediatas para a eliminação, ditada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), e estabelecer 109 atividades econômicas que passem a ser eliminadas na lista de piores formas de trabalho infantil. Incluindo também a exploração sexual, o tráfico de drogas e os trabalhos domésticos como piores formas de trabalho infantil no Brasil.

O presidente Lula disse que o governo brasileiro é duramente criticado em suas gestões pela intensa fiscalização do Ministério do Trabalho, contra o trabalho infantil e escravo e que ele não iria cessar essas fiscalizações. Ele também lembrou da infância pobre e do trabalho que desempenhou ainda pequeno como engraxate e tintureiro, e em seguida fez um apelo para aos pais brasileiros que não deixem seus filhos pararem de estudar sobre o pretexto de ser um trabalho, afirmando que se tivessem as condições de não trabalhar e está na escola teria se tornado alguém mais estruído e melhor.

É neste sentido que o presidente Lula da Silva quer garantir que crianças tenham oportunidades e dar condições aos pais dessas crianças e adolescentes garantia de um futuro promissor, dando ao Ministério do Trabalho poder e instrumentos ao Congresso brasileiro para penalizar ações que insistam em explorar a mão-de-obra infantil.

4.2O TRABALHO FEMININO

Assim como já mencionado acima, minha mãe, suas irmãs, assim como outras mulheres começaram trabalhar muito cedo, devido muitas vezes à necessidade familiar, seja dentro ou fora de casa a mulher sempre trabalharam. Sabemos que essa é uma realidade que percebemos ao longo dos séculos, (principalmente em famílias de baixa renda, onde seus membros tem um grau de escolaridade considerado baixo). Ainda assim, em pleno século XXI o sexo feminino ainda sofre certa discriminação devido à ocupação de alguns cargos, isso por causa de uma herança patriarcal vivida por nossa sociedade, essa discriminação acontece mesmo que, seja de forma indireta.

A realidade de muitos jovens que saem de casa pra ter um futuro melhor, costumavam começar a trabalhar ainda muito cedo, essas práticas diminuíram hoje, mas nos anos 80/90 era costume da população rural trazer pessoas para a cidade grande para trabalhar nas residências particulares, com a intenção de dar uma melhoria de vida esses jovens, mas muitas vezes não recebiam salario ou qualquer outra ajuda de custo, quando falo com minha mãe (D. Maria) que passou por essa situação, perguntei a ela como foi sair ainda muito jovem com seus 18 anos de casa, vinda de uma cidade pequena para a cidade grande para trabalhar:

Foi muito difícil no começo, me sentia sozinha por não conhecer ninguém, e pior, quando vim foi pra estudar, as aulas já tinham começado, cheguei e fui logo estudar no CEPA (Centro Educacional de Pesquisa Aplicada Antônio Gomes de Barros, CAGB), lá comecei a conhecer as primeiras pessoas de Maceió, aí as coisas foram mudando e foram ficando melhores.

Meus patrões davam algum dinheiro, mas não pagavam direito, me davam uma parte, tipo uns 100 reais e roupa e calçado, ao passar do tempo deixaram de dar as roupas e calçados e eu passei a comprar com o dinheiro que eu recebia, ainda juntava pra levar pros meus pais o pouco que sobrava, não me pagavam salário, nem assinavam carteira não, era só pra não dizer que eu vim só pra estudar mesmo.

Eu fazia de tudo, cozinhava, passava roupa, lavava, tudo que faz em uma casa eu fazia, todo trabalho doméstico, eu era a única empregada da casa, poderia estar doente ou não, tinha que fazer, eles me acordavam cedo, umas quatro da manhã e dormia muito tarde, depois que chegava da escola a noite, tinham que

limpar a cozinha, eu dormia tão cansada que encostava a cabeça no travesseiro e no instante amanhecia, não foi uma época muito boa não.

Eram cinco pessoas na casa em que eu trabalhava, o casal e mais quatro filhos, ainda tinha o cachorro, que eu quem cuidava, dava banho e tudo, tudo tinha que ser eu, fora a filha pequena da vizinha que eu cuidava, ia logo cedo pra casa dos meus patrões e eu precisava dar comida, banho, só ia pra casa dela pra dormir mesmo, mas meus patrões praticamente adotaram ela, era muito correria e quase não dava pra estudar.

Essa foi a realidade de muitas jovens que tiveram que trabalhar para conseguir um futuro melhor que seus pais, saiam do Sertão rumo à capitais com o intuito de garantir uma melhoria de vida. Por isso, a mulher tinha que trabalhar o tempo todo, situações como essa sempre foram comuns para as mulheres de classe baixa.

Em alguns artigos podemos observar que as mulheres de classe baixa sempre tiveram que trabalhar, pois muitos homens estavam a frete de batalhas e elas passavam a assumir a casa e a parte financeira da família e a posição dos homens no mercado de trabalho. Com o fim da primeira e da segunda Guerra Mundial de 1914 – 1918 e ³⁰1939 – 1945 respectivamente, muitos homens perderam a vida e muitos que conseguiam voltar para casa tinham sofrido mutilações e eram impossibilitados de voltarem ao trabalho.

Apesar de as mulheres de classe mais baixas sempre trabalharem, para garantir o sustento familiar, foi em meados dos anos 40 que as mulheres de classe média tiveram que deixar suas casas para fazerem parte do trabalho masculino. No século XIX, o sistema capitalista tinha se tornado estável e foi nesse período que inúmeras mudanças ocorreram na organização do trabalho feminino, permitindo que 83,3% da população operária masculina diminuísse em termos percentuais para o aproveitamento da mão-de-obra feminina nas atividades secundárias.

No Brasil, as mulheres de classes mais altas por mais que fossem obrigadas a casarem e a constituírem uma família, elas tinham a oportunidade de estudar e viajar

³⁰ SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovanni. Força de trabalho feminina no Brasil: no interior das cifras. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, 1985, p. 23.

para ter uma melhor educação podendo futuramente usar a seu favor; no livro *Uma História do Feminismo no Brasil*, de Céli Regina Jardim Pinto (2003, p.13), mostra como viviam essas mulheres, elas praticamente tinham a função de comprovar a dependência masculina, aceitando o título de sexo frágil que precisaria de amparo, tomando proporções extremas pela influência da sensibilidade e a necessidade de toda fraqueza que definia as mulheres, atribuindo a imposição de proteção, mesmo assim com um pouco mais de bagagem intelectual conseguiam fazer parte de movimentos femininos que se estenderam durante séculos e que foram muito importantes na luta para garantir direitos para as mulheres.

No início a organização da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino era liderado por ³¹Bertha Lutz, sendo fundada em 1922, que buscava estabilização dos direitos das mulheres, sendo este movimento aderido por muitos Estado brasileiros, ganhando reputação na luta feminina por direitos políticos. Os movimentos Feministas e Bertha conseguiram o apoio do senador Juvenal Lamartine na luta pelo direito ao voto. Depois de muitos desafios e manifestações, o Estado do Rio Grande do Norte foi o primeiro a atribuir a prerrogativa de voto para as mulheres. Em 1922, foi registrada a primeira mulher a votar, tendo total direito a partir do texto constitucional do Estado que dava esse direito sem fazer nenhuma distinção de sexo.

Depois de muita luta e um longo período de manifestações veio à enganadora vitória, em 1928. Neste ano seria a primeira eleição em que as mulheres brasileiras poderiam participar, mas os votos foram anulados sob uma alegação de que era preciso uma lei que firmasse o direito ao voto às mulheres. No ano seguinte viria à conquista da primeira prefeita da América do Sul, Alzira Soriano, na cidade de Lages, no Rio Grande do Norte.

Em 1930, o Senado Federal começou uma tramitação com um projeto de lei que regularizasse o voto das mulheres, mas com a Revolução de 30 que se iniciava em Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, depondo o presidente, Washington Luís. Neste momento, todas as lutas femininas permanecem paradas e o projeto imóvel. Após a Nova República entrar em vigor, o projeto volta a avançar com a ajuda do grupo de juristas, que era encarregado de elaborar o novo código eleitoral, estando

³¹ PINTO, Céli Regina Jardim. *UMA HISTÓRIA DO FEMINISMO NO BRASIL*, p.10, 2003).
Ibid, p. 10 a 54.

entre ele a ³² Bertha Lutz. Só em 1932, que Getúlio Vargas deu o direito, que as mulheres mais aguardavam na época, o direito do voto. Nas eleições seguintes as mulheres já poderiam exercer seu direito, mesmo ele sendo facultativo, em 1934, ele se torna um dever.

No Brasil, as mulheres de classe baixa não eram diferentes dos demais países, mulheres precisavam trabalhar para garantir o sustento familiar, trabalhavam de forma autônoma. Ao longo do século XX e nos primeiros anos do século XXI, o ingresso à escola foi sendo ampliado para diferentes grupos populares, onde antes eram excluídos do sistema educacional formal.

Com isso, as mulheres passaram a ter a chance de estudar, levando ao crescimento positivo dos indicadores educacionais, as mulheres estão até mesmo superando os homens, em diversas atividades, tanto no mercado de trabalho quanto na frequência escolar, as estatísticas mostram que a taxa de evasão escolar das meninas de 15 a 17 anos é menor do que a dos meninos, pois segundo a pesquisa IBGE 2019, mais mulheres do que homens ingressam na universidade, informações no site oficial do IBGE.

Na indústria, as distribuições das mulheres nos setores de produção se concentravam, principalmente, nos setores alimentícios e têxteis, e a cada dez trabalhadoras qualificadas oito ocupavam os cargos administrativos, uma na produção e outra nos serviços de saúde e assistência. Nas áreas de produção que não permitiam mulheres eram: o farmacêutico e químico (respectivamente 22,8% e 18,9%). Os que menos se tinham trabalhos femininos eram: metalúrgicos, mecânico, elétrico e de transporte, áreas tradicionalmente masculinas, segundo dados do IBGE.

Ao passar do tempo às mulheres ganham espaço no mercado de trabalho, mesmo que ainda existem barreiras, cada vez se tornando ativas. Em 1994, 77% das mulheres, entre 25 e 29 anos, exerciam alguma atividade profissional. Mesmo as mulheres com um ou dois filhos não deixavam de exercer suas funções fora de casa.

³² Referência da página: ³² PINTO, Céli Regina Jardim. **UMA HISTÓRIA DO FEMINISMO NO BRASIL**, p. 10 a 54, 2003).
IBGE: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015>

Nos anos de 1940 e 1942, foram feitas uma ampla regularização no mercado de trabalho bem como em suas relações. ³³Neste período o salário-mínimo foi estabelecido e toda uma legislação que regulamentava essas relações trabalhistas, consolidando as Leis do Trabalho, CLT, com a exclusão do meio agrícola.

A influência feminina foi intensamente maior no ramo do ensino dedicado a formação do magistério. Pode -se observar nitidamente os efeitos do fortalecimento da escolarização promovida entre os anos em 1920 e 1940 para a reorganização dos papéis de gênero.

³³ ALVES, Iracélli da Cruz. **Feminismo entre ondas: mulheres, PCB e política no Brasil**. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2020. p. 236.

5 CONCLUSÃO

A cidade não foi construída sobre ladeiras como a cidade de Santana do Ipanema, mas possui uma pequena elevação onde os moradores a nomeiam dividindo a cidade em partes, parte alta se localiza a chegada da cidade ao meio da elevação, parte baixa do meio a saída da cidade.

Hoje em dia apenas uma parte pequena da Lagoa ainda é existente, pertencente à parte baixa da cidade onde se encontra poluída, imprópria para banho e pesca, passando a tubulação da cidade leva todo o esgoto habitacional e do cemitério a ela. Recentemente houve uma obra para a criação de um espaço onde os moradores pudessem caminhar se exercitar e tirar fotos, como uma orla ao redor da lagoa.

Mas do outro lado da pista, localizada a Lagoa de Maria Ferreira, nome dado pelos moradores em homenagem à moradora ribeirinha, local esse onde minha mãe sempre relembra hoje se encontram algumas casas populares e um local pequeno não pavimentado pela prefeitura, transformou-se em um terreno aberto, um lote em via pública se separando do restante da cidade, utilizado pelos moradores como recreação, principalmente para jogos de futebol.

Crianças e adolescentes poderiam utilizar esse espaço para atividades que pudesse trazer melhoria de vida, física e mental, criando uma estrutura de acolhimento, para essas crianças e adolescente. Talvez uma associação que levasse lazer a essas crianças pobres ou até mesmo a organização do local, colocando gramado, iluminação apropriada, demarcação do campo para os jogos. Até o momento não houve reivindicação por parte dos moradores da região para essa categoria de obra.

Com tudo através das histórias vividas e contadas por minha mãe, pude vivenciar um pouco de sua trajetória e como sua vida pode significar para que eu, ou você, leitor, viaje nas memórias entre passado e presente, uma maneira de construir e uma identidade histórica. É através da História Oral que fontes identitárias de um povo podem retratar a realidade e suas vivências em uma comunidade em diferentes tempos e em suas variadas sociabilidades.

Assim, considerações finais para o trabalho de conclusão de curso, desenvolvi uma estrutura pela qual o leitor pudesse acompanhar a trajetória de uma criança que passou por situações precárias, passando por uma adolescência repleta de dificuldades de todos os tipos, até se tornar uma mulher. Podemos ver, também, que nos poucos pontos que podemos observar, pensar nas mudanças do nosso tempo, pelo qual os futuros leitores irão comparar a estrutura urbana em suas memórias descritas nesta pesquisa. Apesar de possuir laços culturais familiares, ainda podemos destacar fatores relevantes, para entendermos a sociedade, em que vivemos.

Foram diferentes perspectivas para se observar neste trabalho, e embora carregasse algumas cargas culturais da minha família, a pesquisa, além de utilizar memórias particulares, foi construída através das leituras de textos e pesquisa de campo, ou seja, onde dois métodos de análise se encontraram para estruturar a monografia principalmente neste caso o método oral é essencial para a continuidade da história, e é através da memória dos mais velhos que podemos resgatar a força primordial para que a cultura e os lugares de memória sejam mecanismos para a continuidade da nossa formação historiográfica.

Mas sou privilegiada por através da graduação de licenciatura em História, aprender sobre a importância de recursos como fotografia e a história oral e como usá-los para obter uma compreensão muito importante de como a história pode ensinar e preparar os futuros cidadãos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de. DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA AS SECAS (DNOCS). CPDOC/FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Praia de Botafogo, 190, Rio de Janeiro – RJ, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/departamento-nacional-de-obras-contra-as-secas-dnoocs>. Acesso em: 15 de Janeiro de 2021.
- ALVES, M. C. S. O. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. **IV Semana de História do Pontal/III Encontro de Ensino de História**, 2016.
- ALVES, Iracélli da Cruz. Feminismo entre ondas: mulheres, PCB e política no Brasil. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2020, p. 360.
- BARROS, José D.'Assunção. História e memória—uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, v. 3, n. 5, p. 35-67, 2009.
- BARROS, Ricardo Paes de; MENDONÇA, Rosane Silva Pinto de. Trabalho infantil no Brasil rumo à erradicação, Texto para Discussão, No. 1506, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília p.01-29, 2010.
- CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de. Trabalho infantil no Brasil contemporâneo. **Caderno CRH**, v. 21, p. 551-569, 2008.
- COSTA, CLEONILDES Da Aquino. Festa junina: síntese de uma mistura cultural. p.01-36, 2012.
- D'ALESSIO, Márcia Mansor. Memória e historiografia: limites e possibilidades de uma aproximação. **História oral**, v. 4, 2001.
- DIONÍZIO, Elúzia Maria de Carvalho. Maravilha em Fatos e Fotos. **[s.n.]**; p. 89, 2012.
- HORTA, Regina. **As 4 Estações**: Meu Mundo em um Jardim. Youtube, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/AsQuatroEsta%C3%A7%C3%B5es/videos>. Acesso em: 17 de Novembro de 2021.
- KASSOUF, Ana Lúcia. O que conhecemos sobre o trabalho infantil?. **Nova economia**, v. 17, p. 323-350, 2007.
- KASSOUF, Ana Lúcia. Evolução do trabalho infantil no Brasil. **Sinais sociais**, v. 9, n. 27, p. 9-45, 2015.

LEAL, Carlos Ivan Simonsen. SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE (SUDENE), Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Praia de Botafogo, 190, Rio de Janeiro – RJ, 2002. Disponível em: <https://jk.cpdoc.fgv.br/fatos-eventos/superintendencia-desenvolvimento-nordeste-sudene>
Acesso em: 20 de Janeiro de 2021.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução Bernardo Leitão; 5ª edição; Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003; LEVI, Primo.

MUNIZ, Marize; Andre Accarini, CUT - Central Única dos Trabalhadores: **Com Bolsonaro, cerca de 2 milhões de crianças estão em condição de trabalho infantil: Prática é ilegal, considerada grave violação dos direitos humanos pela OIT e erradicação é responsabilidade do Estado Brasileiro.** Publicado: 07 Junho, 2022. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/com-bolsonaro-cerca-de-2-milhoes-de-criancas-estao-em-condicao-de-trabalho-infan-6854>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2023.

OLIVEIRA CHIANCA, Luciana de. Quadrilha junina e cidade, mercado e beleza da obra. [TESTE] *Revista Mundaú*, n. 5, p. 126-141, 2018.]

PINTO, Celi Regina J. Uma história do feminismo no Brasil.

PORTELLI, Alessandro et al. O que faz a história oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História**, v. 14, 1997.

RANGEL, Lúcia Helena. **Festas juninas, festas de São João: origens, tradições e história.** Casa do Editor, 2002.

RODRIGUES, Roberto. Festa junina. Folha de São Paulo, Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal, p. 02, Junho, 2008.

WEBER, Regina; PEREIRA, Elenita Malta. Halbwachs e a Memória: contribuição à História Cultural. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 104-126, 2010.

ANEXO A

Registro da Cidade de Maravilha – AL Tirado do Acervo pessoal da autora da Obra, Raíssa Henrique A. Santos.



Fotografia da Cidade de Maravilha Vista de cima da Serra da Caiçara. Retirada do acervo pessoal: Raíssa Henrique A. Santos, no Ano de 2020.



Fotografia da Cidade de Maravilha Vista de cima da Serra da Caiçara. Retirada do acervo pessoal: Raíssa Henrique A. Santos, no Ano de 2020.



Fotografia da Praça Pedro Fernando Bandão Alcântara após a Reforma, no Ano de 2021.



Fotografia da Praça Pedro Fernando Bandão Alcântara após a Reforma, no Ano de 2021.



Fotografia da Lagoa do Pico a Direta da Via Principal, no ano de 2021



Fotografia da Lagoa do Pico após a Pavimentação do Lado direito da Via Principal, ano de 2021.

ANEXO B

Registro das Primeiras Quadrilhas Matutas da Cidade de Maravilha – AL Organizado Por Pedro Henrique da Silva, conhecido como Pedro de Caí, fotos retiradas do álbum da Família Henrique.



Família Henrique e amigos, conduzida por Pedro de Caí na Quadrilha Matuta, meados dos anos 80, Noivos Manoel Vieira e Aparecida Henrique.



Quadrilha Matuta da Cidade de Maravilha nos anos de 1986.



Quadrilha Matuta da cidade de Maravilha; Moradores da cidade e a família Henrique conduzidos por Pedro de Caí anos de 1987.



Quadrilha de 1988 na Rua Ernesto Soares Agra no Município de Maravilha - AL, com famílias e habitantes da Cidade. Casal Pedro Henrique e Maria do Carmo a esquerda da foto.



Família Henrique nas comemorações de São João Dos anos de 1994, já com seus filhos e netos, me incluindo com apenas meses de idade nos braços de minha mãe ao lado de minha avó a esquerda da foto e meu avô a direita segurando uma de minhas primas.

ANEXO C

Registro Atual da Cidade de Maravilha – Al Tirado do Acervo Pessoal em Visita a Cidade No Ano de 2023.



R. Ver. Manoel Barbosa de Alcântara.



Praça Pedro Fernando Brandão Alcântara.



R. Gustavo Limeira, Rua da Delegacia.



Museu de Paleontologia Otaviano Riti.



R. Vereador Pedro F Brandão Alcântara.



R. Gustavo Limeira, mas conhecida como Rua do Campo.



Rua Vereador Pedro F Brandão Alcântara, Rua da Escola Estadual P. Atanagildo Brandão, dos dois ângulos, lado Direito e Esquerdo.



Alguns membros da Família Henrique na Quadrilha junina de Junho de 2023 em homenagem ao Saudoso Pedro Henrique, mais conhecido como Pedro de Caí, e para filhos e netos Vô Pedro, foto tirada logo após as festividades, do acervo particular da Família.

ANEXO D

Silva, Josefa Henrique. **Primeiro Time de Futebol Feminino de Maravilha**. [Entrevista concedida a] Raíssa Henrique A. Santos. MEMÓRIAS, IDENTIDADE FAMILIAR E FATOS CULTURAIS NA CIDADE DE MARAVILHA, Universidade Federal de Alagoas, p. 01 a 66, Julho, 2023.

Depoimento: Josefa Henrique

R.H: Qual o nome do time?

J.H.: “O nome do time era Esporte Club Maravilhence, se não me engano esse era o nome”!

R.H.: Quando o time começou?

J.H.: “O time começou em 1986 e foi até aos anos 90”!

R.H: Quando a senhora foi participar do time?

J.H.: “Eu já comecei quando o time foi criado, porque andávamos em uma turminha juntas, eu, Mazé, Dedana, Rose de seu Olavo, éramos umas seis ou sete amigas”!

R.H: Quem convidou?

J.H.: “Frequentávamos o estádio e Nego Lila (treinador da época) nos perguntou se não queríamos fazer um time de mulheres, ai chamamos outras meninas para participar incluindo minhas irmãs, Maria Aparecida e Maria do socorro, e as primas Maria de Mariquinha, Mazé e Lila Melo e as outras integrantes que estão na foto a seguir”!

R.H Como eram os treinos?

J.H.: “Os treinos eram feitos as quatro da manhã para ser primeiro que os meninos e as vezes dividíamos o campo, cada um treinava de um lado, e em algumas vezes íamos treinar muito cedo que só dava pra ver a bola porque era branca, em outros momentos íamos treinar as quatro da tarde”.

R.H Vocês participavam dos jogos com outros times?

J.H: “Existiam sim campeonatos, eram convidados os times da cidade de Ouro Branco que vinham jogar em Maravilha e íamos jogar lá também, também tinha um time em São Cristóvão e do quando, povoados próximos a cidade de Maravilha”!

R.H Treinavam quantos dias por semana?

J.H: “Treinavam quase todos os dias apenas as meninas que estavam naqueles dias (falando sobre a menstruação) não podiam jogar”!

R.H Por que o time acabou?

J.H: “Alguns integrantes do time foram embora para outros lugares, outras não quiseram mais treinar, ai acabou o time com um certo tempo, com a morte do treinador de infarto, o time só foi até os anos 90 mesmo e depois acabou”.

R.H :Vocês sofriam algum tipo de preconceito por serem um time feminino?

J.H: “Não muita, quando a gente ia jogar o campo lotava, só alguns meninos que queriam jogar no campo ficavam falando, vão embora fazer o café, mas eu acho que era brincadeira com a gente! Quando íamos jogar falávamos pra algumas pessoas ai se espalhava na cidade, as meninas vão jogar, até hoje tem gente que lembra muito de mim jogando, falam, você era boa jogando bola, eu era a volante tinha que está em todo canto do campo. Era um tempo muito bom, enquanto falava na entrevista estava lembrando, infelizmente tive que viajar para São Paulo e as meninas foram saindo do time”.

ANEXO E

Rocha, Layla. **Time de Futebol Feminino de Maravilha**. [Entrevista concedida a] Raíssa Henrique A. Santos. MEMÓRIAS, IDENTIDADE FAMILIAR E FATOS CULTURAIS NA CIDADE DE MARAVILHA, Universidade Federal de Alagoas, p. 01 a 66, Julho, 2023.

Depoimento: Layla Rocha

R.H: Por que Você se interessou pelo futebol?

L.R: “Me interessei pelo fato de ter nascido em volta de pessoas que amam o futebol e acabei me interessando e amando esse esporte”.

R.H: Quando o time começou?

L.R: “Começou em 2016, só que o time não era completo, então, dificilmente treinavam. Na época não tinha treinador, a fundadora foi a mulher dele, então ela o chamou pra treinar a equipe. Infelizmente ano passado ela veio a falecer... então, todas as vitórias nos jogos são dedicadas a ela, e quando comecei a jogar no time a mesma me acolheu muito bem, me tratava de uma maneira diferente e cuidava bastante da gente”.

R.H: Quem é o treinador atual?

L.R: “O treinador é o senhor Rodrigo Wanderley, pelo qual quem começou o time feminino foi sua esposa”.

R.H: Quantas meninas participam?

L.R: “Participam em torno de 20 meninas, sempre entram algumas, mas logo saem... (risos)”.

R.H: Como você ver o fato de suas tias também fizeram parte do time de feminino de Maravilha?

L.R: “Fico muito feliz, inclusive influenciou bastante no meu interesse pelo futebol, e fico mais feliz ainda por esta carregando uma tradição da família”.

R.H: Como é para você jogar no time feminino da cidade?

L.R: “Bem, com orgulho, pois, antes não havia times e eu tinha que jogar com os meninos, foi uma experiência ótima jogar com eles, mas, as vezes algumas palavras acabavam me deixando triste. E agora temos uma grande equipe feminina, uma apoiando a outra”.

R.H: O time joga com outros times femininos da região? E como são os campeonatos?

L.R: “Sim, estamos jogando em três campeonatos, tá sendo uma experiência ótima para o time, que até 2021 não ganhávamos nada’.

R.H: Você pretende seguir carreira no futebol?

L.R: “Até ano passado era meu grande sonho, estava bem focada, mas com o passar dos dias fui percebendo que não tenho muitas oportunidades para jogar em times de fora, até porque aqui é uma cidade pequena, então as oportunidades são poucas, eu realmente queria ser uma grande jogadora, só que cada vez mais vem sendo bastante complicado”.

ANEXO F

Memórias de um São João: Relato na íntegra de Thiago Sothero

Em Memória do Saudoso Mestre Pedro de Cai

“Em minhas memórias do São João recordo-me do mestre Pedro de Cai, que começava meses os preparativos, juntando o Máximo de participantes para montar a quadrilha, eram um público de todas as idades que aglomerava para fazer parte da quadrilha o mesmo com zelo e carinho vos dividiam em turma por idade, para que tivesse 3 quadrilhas para brincar na noite do Santo de São João que se prolongava até o dia de Santo Pedro, a fogueira que ficava no peito era esperada o a no todo para ser acesa apenas no dia de Santo Antônio de Pádua, a primeira fogueira que abria os mês de junho pro povo sertanejo.

O senhor Pedro Henrique da Silva, conhecido por seu vulgo Pedro Cai era um mestre na arte das comemorações do mês junino, negociante, lavrador e comerciante, o mesmo tinha fama de faz tudo, como todo bom sertanejo era inteligente para viver nesta aridez do médio sertão, natural da Cidade de Mar Vermelho- Alagoas, estabelecendo residência na cidade de Maravilhas-Alagoas, conhecida anteriormente como Cova dos defuntos e Maravilha das flores, Casado com Maria do Carmo da Silva conhecida por seu vulgo Maria de Cai, pai de 09 filhos, avó de 24 netos e 17 bisnetos, seus festejos traziam toda comunidade para a rua Ernesto Soares Agra em sua residência onde o mesmo fazia seu palhoção para sua quadrilhas se apresentarem.

Como eu poderia esquecer mesmo sendo apenas uma criança ficam gravadas nas memórias todos os são João que o mesmo executava na mesma rua que ainda resido hoje recordo com saudade, Pedro de Cai era um contador de história incrível, narrava com detalhes e aumentava um pouco, mas não mentia, segundo ele mesmo, a relação de nossas famílias eram de muita proximidade, nos arraia de cai todos se preparavam, comprávamos bombas e pedíamos para nossas mães bordas os remendos, as camisas eram compradas o tecido na feira, a famosa e charmosa chita, chapéus de palhas ornamentados e detalhes que combinasse com a camisa e os remendos da calça, nos organiza para comprar o tecido para na quadrilha brincar.

As meninas com suas tranças e pintas na bochecha, balançava os vestidos nas horas de dançar, ganhava vida própria no balance balancear, rodopios gingados, quando o Mestre Pedro de Cai que além de organizar os festejos, os ensaios, e toda decoração do palhoção, era o nosso querido Puxador, em tom firme e voz altiva anunciava os movimentos; La vem o alavantur e anarriê, segue o passeio, forma a roda para o caracol, desmancha, segue o passeio, formação para o viúvo, olha o viúvo, olha a viúva, grande roda, olha a cobra, olha a lama, olha foto, queimou, nestes ritmos dos gritos que nós passamos às noites de São João de São Pedro.

As estrelas ganharam mais uma constelação, os balões e as bandeirolas estavam chorosos no dia 23 de junho de 2004 nesta noite que marca a saudade de todos naquela comunidade, desencarnou o nosso brincante e mestre, foi ser recebido por São Pedro e pular fogueira com São João, ao lado do Rei do Baião, que tanto cantou nos encantou, a falta de uma pessoa como ele nos faz repensar em guarda e reorganizar nossas raízes e tradições. O contato tão cedo com esta riqueza me fez perceber a importância de nossos movimentos culturais.

No ano de 2005 eu iniciaria a abertura da incorporação de folguedo popular, implantaria Coco de Roda, Beleza Nordestina e a Quadrilha de jovens e adolescentes Pé de Serra, eu já estava a mais de 5 anos na quadrilha Raízes do Sertão trabalhando na organização na diretoria, eu amava mesmo era ser brincante da cultura popular, neste movimentos eu criei um laço forte e foram pessoas como o senhor Mestre Pedro de Cai, que fizeram parte de minha história como grande mentes de inspiração para continuar o enredo contando por todos eles de nossa tradição.

No dia 23 de 2005 fizemos uma justa e grandiosa homenagem pelo data de um ano do falecimento de nosso amigo brincante e mestre, a própria quadrilha Pé de Serra foi a homenagem para ele, esta quadrilha abriu os festejo, ela era a quem história sendo contada, gritada em forma de comandos para os queridos brincantes que faziam parte, todo povo cercava aquele palhoção para ver mais uma vez um sonho de São João. O Coco de Roda Beleza Nordestina e sua banda iniciou a apresentação com mistério, de um lado esquerdo a imagem do Padroeiro São João, na direita viria o Padroeiro São Pedro, e ao centro a imagem do nosso querido homenageado Mestre Pedro de Cai.

Na abertura foi declamada uma poesia de Ariano Suassuna, e os ritmos foi iniciada a homenagem, sua família que ao redor estava ficara com olhos chorosos da falta que sentiam, os amigos lembrava com alegria de seu sorriso largo, o bigode fino era uma marca registrada, seu chapéu preto e alegria que exalava aquele clima de harmonia e paz com uma brisa fria da chuva fina que caia, o triângulo gritava a dor, o bumbo ditava os ritmos do coração, e o tarôu falava da saudade que sentiam naquele palhoção. Em nossa composição tinha sua neta Rayne e tantos outros netos que adotaram o Pedro de Cai como seu avô de coração”.

Thiago Sotthero